



**Universidade do Minho**  
Instituto de Ciências Sociais

Vânia Filipa Vieira da Cruz

### **SIC Notícias: o Lugar da Política**

Estudo da programação semanal da SIC Notícias  
no período das 21 às 24 horas



**Universidade do Minho**  
Instituto de Ciências Sociais

Vânia Filipa Vieira da Cruz

## **SIC Notícias: o Lugar da Política**

Estudo da programação semanal da SIC Notícias  
no período das 21 às 24 horas

Dissertação de Mestrado em Ciências da Comunicação  
Área de Especialização em Informação e Jornalismo

Trabalho efectuado sob a orientação da  
**Professora Doutora Felisbela Lopes**

## DECLARAÇÃO

**Nome:**

Vânia Filipa Vieira da Cruz

**Endereço electrónico:** [lipacruz@hotmail.com](mailto:lipacruz@hotmail.com)

**Número do Bilhete de Identidade:** 12834768

**Título:**

SIC Notícias: o Lugar da Política  
Estudo da programação semanal da SIC Notícias no período das  
21 às 24 horas

**Orientadora:**

Professora Doutora Felisbela Lopes

**Mestrado:**

Mestrado em Ciências da Comunicação – Área de  
Especialização em Informação e  
Jornalismo

É AUTORIZADA A REPRODUÇÃO INTEGRAL DESTA  
TESE APENAS PARA  
EFEITOS DE INVESTIGAÇÃO, MEDIANTE  
DECLARAÇÃO ESCRITA DO  
INTERESSADO, QUE A TAL SE COMPROMETE.

Universidade do Minho, 26 de Setembro de 2008

Vânia Filipa Vieira da Cruz



## AGRADECIMENTOS

Defini objectivos e tracei metas em busca de sonhos. Ultrapassei barreiras, saltei dificuldades, sempre com o apoio incondicional daqueles que me querem bem. É a todos eles que agradeço todos os momentos em que se mantiveram do meu lado. Este é o fim de mais um ciclo na minha vida e como tal não posso deixar de ressaltar alguns nomes que me ajudaram na concretização deste projecto.

Durante os cinco anos que frequentei a Universidade do Minho deparei-me com excelentes profissionais que de certo modo me encaminharam pelos trilhos certos do meu percurso. Relembro o conselho sábio do Prof. Manuel Pinto: “Ninguém assenta praça em General”, que sempre se demonstrou aberto ao diálogo. Um agradecimento sincero à Prof. Felisbela Lopes. Mais que orientar a minha tese de mestrado, incentivou-me neste projecto, assim como, se manteve sempre atenta a todas as minhas necessidades e disponível no auxílio e fornecimento de material. O meu agradecimento à Prof. Madalena Oliveira por toda a cooperação e tempo dispensado ao longo dos últimos três anos.

Uma palavra de agradecimento à redacção da delegação do Porto da SIC por todo o companheirismo e alegria que transmitiram ao longo do estágio, em especial, ao Pedro Cruz, Ana Paula Vieira, Mariana Correa e Miguel Mota. Ao meu colega de estágio, Tiago Osório por toda a camaradagem. Um grande agradecimento ao Cristiano Braga que esteve sempre disponível para me ajudar na parte técnica deste meu projecto

Não esqueço o primeiro ano académico em que me deparei com inúmeras adversidades e pude contar sempre com a amizade permanente da Carolina Lopes e da Vânia Vilas Boas. Um obrigada à Paula Vieira pela disponibilidade e auxílio prestado durante a realização deste projecto. Aos meus tios e primos que durante todo este trajecto me acolheram e deram guarida em sua casa, fazendo-me sentir na “minha casa”, muito obrigada. Agradeço ao meu namorado, João Braga, por todo o amor, dedicação, força e alento que sempre me demonstrou ao longo dos anos.

Por último, mas não menos importante, um agradecimento especial à minha família. Aos meus pais, por me terem dado a oportunidade de estudar e alargar os meus conhecimentos. Mais do que pais, foram amigos que sempre me aconselharam e me ofereceram o ambiente ideal para a concretização de um sonho.



## **SIC Notícias: o Lugar da Política**

Estudo sobre a programação semanal da SIC Notícias no período das 21 às 24 horas

### **RESUMO**

Depois de um estágio curricular de três meses na Sociedade Independente de Comunicação (SIC), trazendo na bagagem algum conhecimento e experiência, tornou-se preponderante que o nosso trabalho de investigação fosse sobre este canal.

Tendo como objectivo analisar a presença da política na SIC, o nosso trabalho centrou-se no estudo da programação da SIC Notícias, particularmente, no horário semanal das 21 às 24 horas.

Tendo em conta que a comunicação social assume cada vez mais importância nas áreas estruturais da sociedade, principalmente no campo político, a mediação da vida política obriga os políticos a tornar a sua acção tão espectacular quanto possível, a fim de interessar os media, sobretudo a televisão. A política tornou-se, assim, lugar privilegiado do espectáculo e tendo como palco preferido a televisão.

Desde do seu começo que a SIC apostou forte num jornalismo irreverente, desprezado das fontes oficiais. Da grelha da estação de Carnaxide fizeram parte programas de informação semanal em que a política marcava quase sempre presença. Uma postura pró-activa que deu ao terceiro canal a liderança das audiências durante os seus primeiros anos. Ao longo dos tempos, os formatos de informação semanal foram desvalorizados na grelha de programação da SIC, dando, cada vez mais lugar ao entretenimento. Em 2001 com a chegada do canal temático de notícias por cabo: SIC Notícias, a SIC encontrou o espaço ideal para o alargamento da informação semanal e consequentemente do campo político.

Ao analisar a programação da SIC Notícias semanalmente no período nocturno das 21 às 24 horas, constatámos que a política está muito presente neste canal. Para além da política, durante a semana, podemos também contar com programas sobre desporto e economia. É, no entanto, a política que mais marca presença na programação deste canal. O *Jornal das Nove*, um formato diário que apresenta um número considerável de políticos que através de um “Frente-a-Frente” trocam ideias, e *Quadratura do Circulo* são disso exemplos.



## **SIC Notícias: o Lugar da Política**

Estudo sobre a programação semanal da SIC Notícias no período das 21 às 24 horas

### **ABSTRACT**

After a three-month curricular training course at Sociedade Independente de Comunicação (SIC), having reached some knowledge and experience, it became obvious that our investigation essay should be about this channel.

The main goal of our work was to analyze the presence of politics at SIC and it focused in the study of SIC Notícias programming, particularly, during weekdays from 9 p.m. to 12 p.m.

Bearing in mind that the mass media possess a growing importance in the structural areas of society, (especially to what concerns politics), the mediatization of political life, forces politics to develop an action as spectacular as possible. Consequently, politics became a privileged domain of show, having as stage television.

From its beginning SIC strongly bet in an incisive journalism, unchained from official sources. The channel of Carnaxide had a board of weekly information where constantly the presence of politics was marked. Such pro-active attitude gave this channel the audience leadership during its first years. As time went by, weekly information formats got lesser importance in the SIC programming board, giving place to entertaining series. In 2001 the arrival of the cable news channel SIC Notícias, SIC found the ideal spot to enlarge weekly information and therefore the information in the political field.

We analyzed the SIC weekly schedule (from a.m. to 11 a.m.), and concluded that politics has a strong presence in this channel. Other than politics, there are also about sports and economics. Nevertheless, politics is in fact, the prominent presence in this channel exemplified in *Jornal das Nove* (a daily format that presents several politics in face-to-face debates), and in *Quadratura do Círculo*.



## ÍNDICE

INTRODUÇÃO .....	7
1. REFLEXÕES À VOLTA DO ESTÁGIO.....	8
1.1.PORQUÊ A SIC? .....	8
1.2.QUANTIDADE OU QUALIDADE? .....	10
1.3.LISBOA OU PORTO? .....	12
1.4.A POLÍTICA E A SIC.....	15
2. A SOCIEDADE INDEPENDENTE DE COMUNICAÇÃO (SIC).....	17
2.1.SIC: 15 ANOS DE HISTÓRIA .....	17
3. JOGOS DE PODER: A POLÍTICA E A COMUNICAÇÃO SOCIAL.....	22
3.1. PODER(ES): POLÍTICO VS MEDIA.....	23
3.1.1. OS JORNALISTAS E AS FONTES .....	28
3.2. A TELEVISÃO E A COMUNICAÇÃO POLÍTICA .....	30
3.2.1. DISPOSITIVOS DE COMUNICAÇÃO POLÍTICA.....	32
3.2.2. O DIRECTO E O TELEJORNAL.....	34
3.2.3. A EVOLUÇÃO DO COMÍCIO .....	36
3.2.4. «DEMOCRACIA ELECTRÓNICA» VS «MARKETING POLÍTICO».....	36
3.2.5. A TELEVISÃO E O ESPECTÁCULO: DA INFORMAÇÃO AO ENTRETENIMENTO.....	37
3.3. A POLÍTICA NA SIC .....	39
4. CAMINHOS DA INVESTIGAÇÃO EMPÍRICA .....	44
4.1. PORQUÊ A SIC NOTÍCIAS? .....	44
4.2. OBJECTO E CAMINHOS DE ANÁLISE.....	45
5. RETRATOS DA PROGRAMAÇÃO SEMANAL DA SIC NOTÍCIAS .....	49
5.1. ANÁLISE DA PROGRAMAÇÃO DO PERÍODO 21H-23H .....	49
5.1.1. JORNAL DAS NOVE .....	49
5.1.2. EDIÇÃO DA NOITE .....	51
5.2. ANÁLISE DA PROGRAMAÇÃO DAS 23H-24H.....	53
5.2.1. O DIA SEGUINTE .....	54
5.2.2. QUADRATURA DO CÍRCULO.....	55
5.2.3. DIA D.....	56
5.2.4. NEGÓCIOS DA SEMANA.....	57
5.2.5. EXPRESSO DA MEIA-NOITE .....	58
6. SIC NOTÍCIAS: UM PALCO DOMINADO PELOS POLÍTICOS.....	59
7. CONCLUSÃO GERAL .....	64
8. BIBLIOGRAFIA .....	65
9. ANEXOS .....	67



## Introdução

Na sociedade contemporânea, a comunicação social denomina-se de contra poder. Um poder que se opõem a outros, nomeadamente ao poder político. Sendo uma relação controversa, a dos profissionais da comunicação social e dos políticos, é, ao mesmo tempo, uma relação cooperativista. A comunicação social usa os políticos para terem novas “estórias” e os políticos usam a comunicação social para que as suas “estórias” sejam noticiadas.

Sendo a televisão o meio de comunicação social mais mediático e a política uma das áreas estruturais da sociedade, pensamos ser relevante um estudo entre estes dois poderes

No âmbito da Dissertação de Mestrado em Ciências da Comunicação na Área de Especialização em Jornalismo e Informação, resolvemos estudar a presença da política num canal televisivo – SIC. A escolha recai sobre este canal devido ao estágio curricular efectuado nesta estação televisiva.

Para a realização deste trabalho, propomo-nos a analisar a programação da SIC Notícias, durante a semana, no período das 21 às 24 horas. Tendo como objectivos a identificação e caracterização dos convidados presentes nessas emissões assim como a descrição e explicação dos formatos transmitidos.

Desta forma, iniciaremos o nosso projecto com uma reflexão acerca do estágio realizado, seguido de uma breve contextualização sobre a SIC. Enquadraremos a temática em questão aludindo aos jogos de poderes entre a política e a televisão, recorrendo a uma bibliografia diversificada e actual.

Tendo como ponto de partida: *“Qual a presença da política na SIC, durante a semana, particularmente, no período das 21 às 24 horas, no canal cabo de Notícias?”*, analisaremos numa primeira parte os noticiários das duas franjas horárias: das 21 às 22 horas e das 23 às 24 horas, e posteriormente, serão analisados os programas emitidos entre as 23 e as 24 horas.

Neste seguimento iremos tentar perceber quem são os interlocutores que invadem o espaço televisivo, as famílias políticas representadas e os temas discutidos.





## 1. REFLEXÕES À VOLTA DO ESTÁGIO

### 1.1. Porquê a SIC?

Percorrem-se etapas sempre à espera de uma oportunidade. Na bagageira levam-se a aprendizagem adquirida, o conhecimento, os conselhos sábios e muitos sonhos por cumprir. Parte-se à busca de mais e melhor.

Enveredar pelo jornalismo sempre foi um desejo presente. Como refere Roland Barthes (1980), o jornalismo causou sempre em mim essa ferida, essa marca que fere e toca a alma, o *punctum*. Apesar do longo caminho percorrido, é gratificante chegar ao destino escolhido: a Televisão.

A caixinha mágica que mudou o mundo e que se tornou parte integrante da nossa casa e até mesmo da família. Habitamo-nos à sua presença, não dispensamos a sua companhia. Nem que a nossa atenção não se prenda por completo a ela, gostamos de a ver ligada, para nosso conforto e bem-estar.

O Panorama Audiovisual Português ganhou um novo alento com a chegada das estações de iniciativa privada. A SIC, a primeira estação privada a operar em Portugal, acompanhou o crescimento de muitas crianças e preencheu o seu imaginário. Apresentou novas propostas que captaram as atenções desde os mais pequenos aos mais graúdos. Para muitos, pensar na infância é recordar os muitos programas da estação de Carnaxide que espalhou sorrisos.

A SIC trouxe ao espaço audiovisual português um valioso contributo para a pluralidade e independência da Informação. A SIC tornou-se uma estação de referência, em que a sua marca distinta era o seu jornalismo. Sempre à frente do acontecimento, antecipando a agenda mediática, partindo para discussões em que se debatiam os problemas do cidadão comum. A SIC evidenciou-se pelo seu jornalismo pró-activo, não só no desenho de programas de informação, mas também na forma rápida de mediatizar os factos e de lhe conferir uma outra dimensão. O "estilo SIC" tornou-se sinónimo de independência, rigor, qualidade e irreverência.

Poder fazer parte do vasto número de profissionais que todos os dias nos acompanham, mostrando o “país e o mundo”, tornou-se num objectivo.



Segundo Bill Kovach<sup>1</sup>, ao fazer jornalismo, servimos as necessidades de outros, estabelecemos um compromisso com a comunidade, e não apenas connosco.

É esse compromisso que nos faz querer saber e fazer mais, nos faz sentir a responsabilidade do que é o verdadeiro jornalismo e o dever que temos perante a sociedade.

Preparamo-nos durante alguns anos para o primeiro desafio no mercado de trabalho: o estágio. Muitos são os dias que lutamos para o obtermos e poucos são os dias em que dele desfrutamos.

É a oportunidade.

Mudamos de cidade. Abraçamos o novo espaço como quem recebe um velho amigo. Esperamos arrecadar toda a prática que ansiamos e a experiência que reclamamos.

Inicia-se um novo ciclo.

Tendo a invicta como papel de fundo e Avenida da Boavista, como cenário, eis que emerge no segundo andar: SIC televisão.

Um mundo novo com que sempre sonhamos, um mundo de sensações, de “segredos revelados e as imagens coloridas, são realidades nossas, são vitórias conseguidas”.

“Mais do que uma televisão” foi este slogan da Sociedade Independente de Comunicação (SIC) que nos deu as boas-vindas a três meses de experiência única.

Agora teríamos um olhar diferente, um olhar do interior para o exterior, para o mundo que ajudamos a construir e a decodificar.

Mais do que falar do trabalho e profissionalismo da família SIC, é de ressaltar o espírito de entajuda, empreendedor e de muita camaradagem que nos fazem sentir, desde logo, parte desse universo familiar que é a estação da Carnaxide.

Estagiar na Televisão podia ser o culminar de um sonho, mas também o fecho de uma ilusão, o fim de um enorme desejo de anos.

Como diz António Gedeão, na sua Pedra Filosofal, “Eles não sabem, nem sonham, que o sonho comanda a vida”. Pela experiência depreendida, fazer televisão é um sonho por muitos e muitos anos, tendo consciência de que “o Jornalismo é a

---

<sup>1</sup> Conferência realizada no dia 28 de Março de 2007 na Universidade do Minho no âmbito das X Jornadas de Comunicação Social



profissão mais importante do mundo, pois tem o poder de alterar a forma como as sociedades se irão desenvolver” (Bill Kovach).

## 1.2. Quantidade ou Qualidade?

Fazer televisão é um prazer. Um prazer que se esgota aos segundos. O tempo é o grande gestor do jornalismo diário. Na verdade, para os jornalistas de televisão há hora de entrada, mas a saída é, por vezes, imprevisível.

É um trabalho árduo que exige capacidade de filtração, interacção com o entrevistado e um bom nível de companheirismo.

Antes de mais, o jornalismo em televisão é feito em equipa, pela equipa. Uma equipa de três: jornalista, repórter de imagem e editor. É a soma das partes do trabalho dos três que resulta a peça, a reportagem. O jornalista entrevista, escreve o texto e dá a voz. O repórter de imagem capta a imagem e o editor dá a forma à peça jornalística. São três partes importantes para que o jornalismo de televisão seja bem construído.

O dia-a-dia do jornalista de televisão é um mar de emoções e de adrenalina. Sempre atento aos acontecimentos, sempre pronto para largar tudo e partir em busca da aventura e da informação credível. Sempre preparado para entrar no ar a qualquer instante. É um contador de histórias, que nem sempre têm finais felizes. Retrata a realidade e ainda que a televisão não seja o melhor meio para a retratar, é através dela que a maior parte das pessoas toma conhecimento dos acontecimentos.

Trabalhar com a família SIC é de facto estimulante. Fazem-nos sentir parte integrante do seu trabalho, fazem-nos sentir úteis e aptos para a profissão. Ainda que todo o tempo seja pouco deve ser aproveitado aos segundos para adquirir uma melhor aprendizagem desta vida jornalística.

A vida não pára e os acontecimentos sucedem-se. E como é hábito ouvir-se, de manhã é que começa o dia.

De manhã, a agitação na redacção torna-se visível. O toque constante do telefone, o vai e vem de jornalistas acompanhados pelos repórteres de imagens e o frenesim dos editores para conseguirem dar resposta a todas as montagens das peças. Todos os



minutos são importantes, é por segundos que as peças se encontram no pré-alinhamento e depois já não fazem parte do alinhamento.

Há um longo caminho a percorrer antes da peça entrar no ar. Todo o jornalista tem que fazer a sua investigação (quando há tempo), antes de partir para o local. Sair com tempo suficiente, antes do início de algum evento é uma boa opção para que se possa obter uma boa entrevista. Temos tempo para decidir o melhor ângulo de focagem e tempo para fazer todas as perguntas pertinentes ao entrevistado. No local, o jornalista procura ter a melhor e a mais credível informação possível. A volta para a redacção depende do tempo de que dispomos para escrever a peça. Por vezes, é necessário começar a escrever o texto em viagem para adiantar trabalho. Em viagem, mentalmente o jornalista revê em câmara lenta toda o acontecimento e as entrevistas que fez. Chegar a redacção e ter um ângulo de abordagem sobre como iniciar a peça é um bom adiantamento. Uma boa tática consiste nisto: quando o que o entrevistado diz algo de importante, há que perguntar ao repórter de imagem o *time code*, isto é, o tempo em que a cassette gravou aquilo que foi dito pelo entrevistado para depois, aquando do visionamento das imagens, sabermos onde se encontra o que necessitamos.

São pormenores que facilitam o trabalho de todos e permite um maior tempo de manobra para a edição das peças que entrarão no *Primeiro Jornal* ou em qualquer edição da SIC Notícias. Trabalhar na redacção da SIC é trabalhar a informação não só para o canal generalista mas também para o temático de notícias no Cabo.

O trabalho de manhã consiste na realização de peças para a SIC Notícias, mas principalmente para o *Primeiro Jornal* que é transmitido às 13 horas na SIC.

O tempo para a realização das peças não é suficiente para grandes reflexões acerca do que se faz. Por vezes, acaba-se por fazer um directo, em vez de uma peça, pois esta demora mais tempo. Há muitas peças para fazer, há um alinhamento para preencher. Produz-se mais em quantidade do que em qualidade.

O mesmo não acontece com o *Jornal da Noite*, transmitido às 20 horas. A tarde oferece um maior tempo de manejo para a realização das peças necessárias para o alinhamento da noite. Parte-se para o local com o maior conhecimento do acontecimento e, normalmente, dispõe-se de um maior período de reflexão no que consta ao visionamento e redacção da peça. Essa disponibilidade de tempo deve-se



também ao facto de algumas peças transmitidas no *Primeiro Jornal* serem utilizadas no *Jornal da Noite*, ou então, reformuladas.

É necessário ter em conta que a audiência do jornal que é transmitido à noite é diferente do *Primeiro Jornal*.

O *Jornal da Noite* inicia o horário nobre da estação da Carnaxide e é visto por uma audiência maior do que o *Primeiro Jornal*. Há uma maior preocupação em produzir notícias em qualidade em vez de quantidade.

A informação jornalística é tratada com o rigor que impõe o mercado, como produto que precisa ter – e manter - audiência para ter alguma validade.

A informação jornalística convencional é pública, de livre acesso, mas tem um custo de tempo, já que a sua oferta é ampla, pelo número e diversidade de veículos.

A produção de informação de qualidade assenta em informação exacta, devidamente confirmada, originada em fontes de confiança, respeitando-se o princípio do contraditório, distingue factos de opiniões. Deve ser rigorosa, profunda, independente de interesses políticos e económicos.

### **1.3. Lisboa ou Porto?**

Por mais que se tente descentralizar todos os serviços, a capital portuguesa continua abarcar a maior parte deles. A Sociedade Independente de Informação (SIC) encontra-se sedeadada em Carnaxide, Lisboa. Aí está o centro de todas as decisões. A SIC tem delegações em várias cidades, sendo a delegação do Porto a maior. A delegação do Porto abrange toda a área entre Douro e Minho. Tendo uma grande área de acção, é necessário ter em conta que as acessibilidades não são as melhores.

A maior parte das notícias e dos acontecimentos ocorrem em Lisboa. Ainda que no Porto ocorram vários eventos, estes não têm a mesmo impacto em relação aos que decorrem na capital.

A delegação do Porto da SIC é composta por uma redacção e um pequeno estúdio. É em Lisboa que são gravados todos os programas.

No entanto, aquando do segundo dia de estágio, tivemos a oportunidade de ver a realização de um programa em directo do estúdio do Porto. Foi um dia de grande



animação, de frenesim, de pura adrenalina. Todos os pormenores são importantes e o mais pequeno erro pode ser fulcral.

Desde manhã cedo que todos se prepararam para que a transmissão do *Opinião Pública* da SIC – Notícias fosse para o ar sem nenhum incidente. O tema justificava a transmissão do programa no Porto: os casos de assaltos e violência no Porto. Às 11 horas, a jornalista Lúcia Gonçalves iniciou a transmissão do programa. Decorrida uma hora, o programa terminou e era evidente no rosto de cada um o sucesso da realização. Assistir à realização de um programa em directo permitiu-nos perceber todo o grande trabalho de uma equipa. Há muita coisa que não se vê, mas atrás das câmaras é necessário um grupo de profissionais que façam chegar a nossa casa todos os programas que vemos.

Ainda que, para já, a experiência não se voltasse a repetir, é de salientar todos os projectos que os profissionais do Porto preparam para que haja uma maior descentralização. Aquando do fim do estágio, iniciou-se o projecto de “*Vencer o cancro*”, um programa que retratava um conjunto de pessoas que conseguiram vencer o cancro. Trata-se um programa realizado no Porto, que tem como apresentadora a jornalista Lúcia Gonçalves.

Porque grande parte dos acontecimentos se passam em Lisboa, a maioria das peças que constituem o alinhamento do *Primeiro Jornal* ou do *Jornal da Noite* são de jornalistas que trabalham em Lisboa.

Todavia, por que é que as peças feitas pelos profissionais do Porto, ou de qualquer outro ponto do país que não entram no alinhamento dos noticiários do canal generalista, não são transmitidas no canal temático do Cabo, SIC Notícias? Tendo um canal que de hora em hora actualiza a informação, por que insistirem em passar as mesmas peças a toda a hora, em vez de inovar com as peças que não foram transmitidas?

Ainda que a “guerra” entre Lisboa e Porto seja disfarçada, há um clima de tensão permanente entre elas. No que concerne ao desporto, em caso particular o futebol, há uma maior tendência para uma desvalorização do Futebol Clube do Porto em detrimento dos clubes da capital. Ainda que o Futebol Clube do Porto seja líder do campeonato português, as primeiras peças da secção de desporto tendem a ser do Sport Lisboa e Benfica seguidas do Sporting Clube de Portugal. O mesmo acontece com os



directos: se há conferências de imprensa dos três clubes ao mesmo tempo, o primeiro directo será de um clube da Segunda Circular.

Relativamente à informação, como já foi referido anteriormente, há uma maior propensão para as notícias da capital portuguesa. Os noticiários só abrem com peças dos profissionais do Porto, quando os acontecimentos do Norte têm um grande impacto. Exemplo disso é a *Operação Noite Branca*, um caso com grande cobertura da SIC, em que foram detidos onze suspeitos na operação de combate à criminalidade do Porto. A SIC acompanhou de perto todo este processo, desde as buscas feitas pela Polícia Judiciária aos bairros mais problemáticos do Porto e todos os desenvolvimentos do caso. A nomeação da procuradora Helena Fazenda, de Lisboa, para coordenar a equipa que investiga os crimes da noite do Porto, não foi bem aceite pelo director da Polícia Judiciária do Porto, levando-o mais tarde à sua demissão.

A “guerra” entre norte e sul, mais especificamente entre Lisboa e Porto, também é notável. Enquanto uma se intitula de Capital do Norte, a outra é a Capital do país. As duas maiores cidades portuguesas lutam pelo desenvolvimento das suas áreas. A cidade do Porto é considerada a cidade da ciência. O forte sector industrial e sector turístico fazem da economia do Grande Porto uma economia sólida e crescente; à parte do sector industrial e turístico, a cidade do Porto é cada vez mais uma cidade de serviços. Lisboa como capital de Portugal tem uma economia concentrada em serviços. A maioria das sedes das multinacionais existentes no país estão situadas em Lisboa. A zona metropolitana de Lisboa é altamente industrializada, especialmente na zona sul do Rio Tejo. As indústrias principais consistem em refinarias de petróleo, indústria têxtil, estaleiros e siderurgia.

Apesar de haver uma tentativa de descentralização de serviços, a capital portuguesa continua a ser o centro das decisões. Esta “guerra” vivida entre as duas maiores cidades surge pela centralidade que existe em Portugal. Porque é que a Expo 98 foi realizada em Lisboa? As finais de grandes eventos desportivos foram realizadas em Lisboa ( final do Campeonato Europeu de Futebol em 2004 e final da Taça UEFA em 2005). Este ano, assistimos à assinatura do Tratado de Lisboa, uma cerimónia que poderia ser realizada numa outra cidade que não a capital Portuguesa. O Tratado de Nice ou o Tratado de Maastricht são exemplos de que os grandes eventos não têm que ser, obrigatoriamente, realizados nas capitais dos países em questão.



## 1.4. A Política e a SIC

Cada vez mais, a comunicação social se assume como de enorme importância para todos os campos, principalmente para o campo político. Para muitos, o poder que domina a comunicação social, como a vida portuguesa, é o poder económico. E, só depois, o poder político. A comunicação social já não é contra-poder. É poder. E os políticos servem-se deste poder.

Segundo um artigo “Jogos e Manipulações” de Joaquim Fidalgo<sup>2</sup>, não é novidade afirmar que a comunicação social se tornou um dos palcos de eleição da luta política - ou, mais genericamente, um campo privilegiado de tudo o que é confronto ou disputa envolvendo algum tipo de poder(es), seja na política, na economia, na cultura, no desporto, na justiça...

Como refere Estrela Serrano (1999), a vida política é hoje influenciada por um conjunto de técnicas (os media e as sondagens), de actores (os jornalistas e os conselheiros de comunicação) e de práticas (o marketing político). Confrontada com esta evolução, a actividade política organiza-se em torno de novas regras de funcionamento, adaptando-se à chamada “mediatização da vida política”. Esta mediatização da vida política obriga os políticos a tornar a sua acção tão espectacular quanto possível, a fim de interessar os media, sobretudo a televisão. A política tornou-se, assim, lugar privilegiado do espectáculo.

Desde muito cedo, que a SIC se distinguiu pelo seu estilo de “jornalismo SIC”. A estação de Carnaxide assumiu uma estratégia de confronto directo com o canal estatal. E é através de um posicionamento editorial irreverente em relação a poderes políticos, económicos, sociais, que a SIC desenhou assim o seu jornalismo, uma marca distintiva da estação.

Em 1993, ainda com poucos meses de existência, a SIC apresentou na sua grelha de programação formatos inovadores em que o debate político estava sempre presente. *Terça à Noite*, *Conta Corrente* e *Esta Semana* são exemplos de formatos com que a SIC conseguiu construir um espaço estruturado, mas sobretudo estruturante da vida pública, nomeadamente no campo político.

---

<sup>2</sup> Artigo da Coluna do Provedor do jornal Público (01/07/01)





Nos primeiros dez anos de TV privada em Portugal, o jornalismo televisivo de ritmo semanal passou por várias mudanças: nas estratégias de programação, nos formatos, na composição da elite de jornalistas que produzia e apresentava as emissões, na enunciação da realidade e nos traços distintivos em relação aos programas de entretenimento (Lopes, 2007: 309).

A partir dos finais dos anos 90, em termos de formatos informativos, a SIC apenas tem vindo a reformular a informação diária, estagnando os programas de debate e de grande-entrevista.

Cedendo cada vez mais espaço ao entretenimento, a informação semanal acabou por desaparecer no princípio do século XXI. Essa cedência deve-se ao decréscimo acentuado do interesse por parte dos telespectadores relativamente a esses géneros de programas, tendo um impacto grande nas audiências, isto é, na lógica de mercado de uma estação privada como a SIC.

No entanto, com o aparecimento dos canais por cabo, a SIC apostou nos canais temáticos, nomeadamente, o de notícias. A SIC Notícias iniciou as suas emissões em Janeiro de 2001, sendo actualmente o canal mais visto do Cabo. É essencialmente neste canal que entram os formatos e programas de debate político como *Jornal das Nove*, *Dia D*, *Quadratura do Circulo* entre outros.

Tendo em conta que focamos este trabalho na política, procurámos seguir de perto a cobertura dos profissionais do Porto neste campo. É de salientar que a longa experiência do jornalista faz com que tenha um conjunto de fontes importantes e uma relação privilegiada com a maior parte dos políticos nacionais.

No período de estágio, a política no Grande Porto foi frequentemente um campo presente no alinhamento dos noticiários da SIC, uma vez que o então líder do maior partido de oposição, PSD, era Luís Filipe Menezes, presidente da Câmara Municipal de Gaia.

Outra das vezes em que a equipa da SIC se deslocava ao terreno era aquando da visita de ministros ou mesmo do Primeiro-Ministro ao norte. Exemplo disso foi a cerimónia do consórcio I3S – Instituição de Inovação e Investigação em Saúde no Porto, presidida por José Sócrates e pelo Ministro da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior, Mariano Gago.



De salientar a cobertura da SIC, mais propriamente, da SIC Notícias, na XXIII Cimeira Ibérica realizada em Braga, ocorrida nos dias 18 e 19 de Janeiro com presença do Primeiro-Ministro Português e Espanhol para o lançamento do Laboratório Ibérico Internacional de Nanotecnologia e a primeira reunião do Conselho Luso-Espanhol de Segurança e Defesa.

O presidente da Câmara Municipal do Porto, Rui Rio é outra das presenças que marca muitas vezes a agenda mediática do Porto. Exemplo disso, são entrevistas em directo para o *Jornal da Noite*, com o jornalista Pedro Cruz, aquando das mortes na noite do Porto.

## 2. A SOCIEDADE INDEPENDENTE DE COMUNICAÇÃO (SIC)

### 2.1. SIC: 15 anos de história

A Sociedade Independente de Comunicação (SIC) foi a primeira rede de televisão privada em Portugal. Iniciou as suas transmissões a 6 de Outubro de 1992 como o primeiro canal independente e comercial a operar em Portugal. O canal pôs fim a 35 anos de monopólio estatal no mercado televisivo português. O capital da SIC é detido, na sua totalidade, pelo Grupo *IMPRESA - SGPS, SA*, o maior grupo privado de média em Portugal liderado por Francisco Pinto Balsemão, através das suas participadas *SOINCOM - SGPS, SA*, *SOLO - Invest. em Comunicação, SGPS, SA* e *MEDIA ZOOM - Serv. Técnicos e Prod. Multimédia, Lda*.

Em 1993, o Panorama Audiovisual Português (PAP) altera-se com a entrada do quarto canal, o segundo de iniciativa privada. Apenas com três meses de existência, a SIC inicia o ano de 1993 com *shares* poucos expressivos, sendo ainda longo o caminho a percorrer para cumprir os objectivos delineados: alcançar a estação de maior audiência. Na altura, a SIC tenta estratégias de programação que abrem confronto com a estação pública. Com formatos inovadores, a SIC faz com que a RTP desça ligeiramente as suas audiências.

Dando prioridade à informação através de um posicionamento editorial irreverente em relação a diversos poderes (político, económico, social, ...), o terceiro canal apresentou o *Praça Pública*, um programa diário centrado em problemas locais



ignorados pelas instituições competentes, como um formato informativo estruturante da grelha. A informação semanal da SIC contava também com dois debates generalistas (*Terça à Noite e Conta Corrente*), dois *talk shows* de traço intimista (*Segredos e Sexo Forte*) e três programas de informação temática (*Os Donos da Bola, Internacional SIC e Tostões e Milhões*). Para além das novelas brasileiras preencherem o horário nobre, a SIC arrisca-se na compra de formatos promotores de inovação na oferta televisiva. Um risco bem sucedido, uma vez que o programa *Chuva de Estrelas* acabou por ser o programa desta estação mais visto do ano.

Todavia, é na regularidade semanal e na relação que os debates estabelecem com a realidade que a estação de Carnaxide se evidencia. Mais do que seguir uma agenda pública, as emissões de informação semanal constroem alinhamentos que condicionam frequentemente a actualidade. E se nesta fase há uma preferência por temas relacionados com política ou com áreas estruturais da sociedade, a aproximação a esses assuntos faz-se através de um convidado crítico ou com interlocutores que assumem posições contundentes em relação àquilo que se discute (Lopes, 2007:52).

Tendo como mote principal a política, os formatos de informação semanal são orientados por assuntos de grande visibilidade e notoriedade públicas, trazendo a estúdio temas incómodos a certos membros do Governo, antecipando discussões que ainda não tinham sido feitas publicamente.

São os debates da SIC que revelam mais vontade de influenciar o desenho do espaço público contemporâneo. Não só pela linha editorial distanciada das fontes oficiais, pelo formato dual escolhido para os programas de informação semanal, pela atitude de antecipar os factos, mas também pela adopção de uma espécie de princípio do contraditório assumido pelos entrevistadores.

O facto do cenário em que eram apresentadas diariamente as notícias oferecer uma janela ampla para a redacção do canal proporcionava aos seus telespectadores uma maior proximidade com a estação. Pela primeira vez na televisão portuguesa, acedia-se ao local onde se produziam as notícias, o que acentuava uma maior cumplicidade na relação entre o telespectador e o canal.

Uma forte aposta em novelas brasileiras, em programas de ficção falados em português, em documentários e numa informação pró-activa, desprendida de fontes oficiais, aliada a uma estratégia de marketing, conduziram a SIC à liderança de



audiências em Maio de 1995, sendo hoje reconhecida como o canal de televisão que em menor tempo conseguiu melhores resultados de audiências.

A principal linha de ataque da SIC seria a das telenovelas brasileiras. A Globo, a maior produtora de novelas do mundo, era accionista da SIC. Em meses, desfez o contrato com a RTP (Agosto de 1994) e fez um outro com a SIC. A audiência fiel a este género acompanharia a transferência para o novo canal. Foi a partir daí que o canal privado português adoptou novas estratégias de programação que viriam a revelar-se fulcrais na conquista da liderança das audiências.

Um das marcas distintivas do “Jornalismo SIC” foi procurar criar uma agenda própria com ampla repercussão no espaço público em vez de andar a reboque da agenda política.

A partir de Setembro de 1995, o noticiário da SIC (*Jornal da Noite*) passou definitivamente a ser o preferido dos portugueses. As eleições legislativas foram seguidas na SIC mais do que nas outras estações. Foi na forma que a SIC procurou dar uma componente espectacular ao seu trabalho que, no entanto, se singularizou pela decisão dos seus responsáveis em divulgar os resultados de uma sondagem sobre o vencedor daquele escrutínio antes da hora permitida por lei (Lopes, 2007:82).

Em 1996 é o ano da consolidação das audiências da SIC. Nesse ano, após o *Jornal da Noite*, a SIC preencheu a sua grelha com novelas da Globo, concursos resultantes de formatos com uma popularidade testada em canais estrangeiros. Em ano de Campeonato Europeu de Futebol e de Jogos Olímpicos, a estação da Carnaxide foi líder sem futebol. Para além de uma forte aposta no entretenimento, criou apontamentos dos eventos desportivos com o *Diário do Europeu* e o *Diário Olímpico* e ainda adoptou a estratégia de colocar a mesma hora dos jogos de futebol as novelas da Globo. Ao longo deste ano, a SIC é a estação com mais programas de informação semanal. Ainda que a política nacional seja o tema privilegiado nos debates televisivos, nos formatos de reportagem há um alargamento para outros campos sociais.

No ano seguinte, o terceiro canal continua a ser a estação preferida dos portugueses. A programação informativa da SIC é mais variada, embora, tenha havido um decréscimo de programas. É no ano de 1997, que surgem dois programas que levantam várias questões quanto às fronteiras entre a informação e o entretenimento (*Filhos da Nação e SOS SIC*). De facto, para além de se impor como um negócio



rentável, a SIC implanta-se em 1997 como um sistema de poder. Consegue-o através de programas de informação e de formatos que muitas vezes confundem liberdade com ficção. Consegue-o, ultrapassando frequentemente limites legais, éticos e deontológicos (Lopes, 2007:117).

No ano da *Expo98*, continuando a liderar as audiências com uma vasta margem de intervalo em relação aos outros canais, a SIC apresenta uma grelha que se vai renovando ao longo do ano. Apesar da informação semanal ocupar menos espaço no segmento nocturno, o jornalismo diário ganha novos contornos através de operações especiais que promovem a ligação com acontecimentos marcantes. Exemplos disso foram as transmissões dos noticiários da ponte Vasco da Gama e do Oceanário, aquando das respectivas inaugurações.

O ano de 1999 seria o último ano em que a SIC liderava as audiências sem grandes preocupações.

Em 2000, porque não valorizou devidamente a concorrência, a SIC inicia uma curva descendente. Até o Verão deste ano, a SIC introduz na sua oferta televisiva nocturna um produto que capta a grande atenção do público: os telefilmes. No entanto, é na temporada de Outono que há mudanças na oferta televisiva, principalmente, na grelha da TVI, com a estreia do novo *reality show* que causa um grande impacto nas audiências (*Big Brother*).

Em 2001, a SIC opta pelo mesmo tipo de programação da TVI: os *reality shows*. A estreia de *Acorrentados*, *O Bar da TV* ou *Confiança Cega* não foram suficientes para superar as audiências do *BB*. Para além dos programas da vida real, a SIC segue a programação da TVI ao nível das novelas portuguesas, sem, no entanto, conseguir grandes resultados. As diversas estratégias que a SIC foi ensaiando ao longo do ano de 2001 para cativar os telespectadores acumularam sucessivos fracassos donde resultou a perda de audiências em período nocturno, e, conseqüentemente, isso abriu uma crise profunda na SIC (Lopes, 2007:156).

É também em 2001 que nasce o segundo canal temático da SIC: *SIC Notícias*. Desenvolvido especialmente para o cabo, a sua programação é totalmente constituída por programas de informação, além dos blocos informativos no topo da hora, oferece também edições especiais e programas temáticos onde a economia, a saúde, as entrevistas, o espectáculo, a moda e o desporto são tratados.



Em 2002 a SIC completa dez anos de existência. A estação começa o ano com uma engenharia de programação que procura equilibrar a informação com o entretenimento. Arriscam-se novos enredos de ficção nacional e aposta-se em novos horários para emissões informativas, como é o caso das primeiras horas da manhã. O horário nobre é entregue a formatos de entretenimento.

Num misto de informação e entretenimento, a SIC cria, em 2003, novos formatos centrados em pessoas a quem se reconhece o estatuto de vítimas, em relação às quais a televisão pretende assumir uma função reparadora de injustiças sociais. São programas feitos por produtoras externas que colocam semanalmente no ecrã convidados que dão conta de situações que consideravam injustas.

Na informação semanal, foi em *Hora Extra* que os temas e os actores sociais encontraram um espaço privilegiado mas não valorizado na grelha da SIC. Segundo Pinto Balsemão, este tipo de oferta televisiva passou a não caber num canal generalista. A rentabilização das audiências era a justificação encontrada para o decréscimo acentuado de formatos informativos semanais.

Os dois anos seguintes, a SIC continua com uma estratégia de programação que havia experimentado nos primeiros anos do século XXI. Persistindo em excluir a informação semanal das suas grelhas nocturnas, centra quase toda a atenção nos noticiários que foram renovados: reajustamento de cenários e grafismos, mudança de pivots e criação de espaços de comentário.

No *Jornal da Noite*, assiste-se a um frente-a-frente entre o social-democrata Pedro Santana Lopes e o socialista António Costa na edição de terça-feira e aos comentários de Pacheco Pereira na edição de sábado, ficando o domingo reservado para um espaço de grande reportagem.

No ano de 2006, a SIC conta com Francisco Penim na direcção de programação da estação e apresenta cinco estrelas do canal para transmitir o seu desejo de conseguir uma estação igualmente de qualidade "cinco estrelas" para o próximo ano. Cinco novas caras que iriam ocupar o *prime time* da SIC em 2006, ajudando a criar uma relação forte e duradoura com os telespectadores. Apostou-se na produção de novelas e *sitcoms*, tendo Teresa Guilherme como responsável pelo pelouro.

Em 2007, a SIC tem o seu pior *share* mensal desde de Fevereiro de 1994, passando a ser a terceira estação mais vista, atrás da TVI e da RTP.



Em Janeiro de 2008, Nuno Santos passou a comandar a programação da SIC, prometendo tirar a estação de Carnaxide do terceiro lugar da tabela, num espaço de um ano. Apontou os 3 “is” como a principal imagem de marca do canal: Iniciativa, Inovação e Irreverência.

Ao longo destes quinze anos de actividade, o universo SIC tem vindo a ganhar expressão e importância no meio audiovisual português.

### 3. JOGOS DE PODER: A POLÍTICA E A COMUNICAÇÃO SOCIAL

*“A política significa um lento abrir furos em duros madeiros com paixão e intuição”  
(Weber, 1973:560).*

A metáfora do furador faz da política uma actividade como que subversiva, uma busca de possíveis vazios no contínuo do dominante, prognose e abertura perante as constrações do existente. Em política, a realidade é uma referência inesgotável e indeterminada. Segundo Daniel Innerarity (2005), a política é, em primeiro lugar, uma gestão de assuntos do ponto de vista da sua contingência, isto é, considerando-os abertos, decidíveis, imprevisíveis, opináveis, controvertidos e revisíveis. A principal função da política é a produção e distribuição dos bens colectivos necessários ao desenvolvimento de uma sociedade, para o que é preciso tomar uma série de decisões em tempo limitado, com escassez de dados e recursos, num meio extremamente complexo que as novas condições sociais parecem emaranhar ainda mais.

Numa sociedade democrática, fazer política é o único instrumento legítimo para construir uma nova maioria ou para conservá-la. Fazer política é renunciar a qualquer modo de perceber que não seja convencer, mas convencer é uma coisa que nunca pode estar plenamente garantida. A racionalidade da política é o aproveitamento da oportunidade, coisa de que os doutrinários são incapazes e que os oportunistas desprestigiam com o seu mesquinho comportamento.

O actual tédio pela política não resulta da quebra de interesse pelo bem público, mas de ter-se perdido a esperança de poder fazer alguma coisa com a política tradicional.



A política é uma acção cujas consequências têm maior alcance que as suas previsões. É precisamente a discussão institucionalizada acerca dos critérios utilizados para considerar que uma coisa corre bem ou mal, o espaço em que eles são definidos e negociados de cada vez. Não é um combate pela posse do segredo que governa as coisas; é a discussão entre posições que crêem melhores que as adversárias, mas não até ao ponto de as declarar ilegítimas. A política é uma actividade civilizadora, que serve para canalizar os conflitos sociais de um modo racional mas não é um instrumento para conseguir a plena harmonia social ou o consenso absoluto nem para dar sentido à vida ou garantir a liberdade plena e o seu bom uso.

O êxito de muitos políticos provém de que eles não oferecem mais do que aquilo que se espera de um dirigente democrático numa sociedade democrática: que se preocupe pela sociedade no seu conjunto, que tenha sensibilidade para captar o que as pessoas querem e que aceite essa vontade como orientação básica das suas acções (Innerarity, 2002:38). Os partidos políticos não deviam falar entre si por razões estratégicas; se o diálogo em política tem algum sentido, é porque os agentes estão convencidos de que não têm toda a razão e porque o razoável só é encontrado no intercâmbio de argumentos com os outros.

Nas sociedades modernas, o sistema político só pode ser regulado por critérios políticos. O facto de o sistema político não ser governado de fora significa que a sua vitalidade aumenta na mesma medida em que cresce a complexidade das suas significações morais próprias. Do mesmo modo que as ideias políticas, a vida política parece esgotar-se num «centro» amplo e difuso em que todos os partidos competem na promessa de combinar cada coisa e o seu oposto: mercado livre e estado de bem-estar, individualização e justiça social, desregulamentação e governabilidade.

A política é uma actividade pela qual uns decidem e os outros aguardam a oportunidade de decidir.

### **3.1. Poder(es): Político vs Media**

Nas sociedades contemporâneas o conhecimento constitui um princípio de hierarquização social tão importante como a propriedade, pelo que o poder de informar representa um poder enorme. Os jornalistas e as suas fontes contribuem, conjuntamente,





para articular e definir os contornos da sociedade do conhecimento, reproduzindo as estruturas do poder e do saber.

Através de processos de selecção e de enquadramento, e ao fazerem circular as informações, os media orientam a opinião pública e estabelecem a agenda dos consumidores de notícias. O público fala dos assuntos de que falam os media. As notícias são versões da realidade baseadas, em grande parte, em normas e convenções profissionais dos jornalistas. Ao realizarem o trabalho informativo, os jornalistas estão implicitamente a construir significados que dão sentido ao mundo.

O poder de influência do jornalismo e dos media aumenta com a crise dos poderes republicanos, ao mesmo tempo que contribui para agravá-la. Importa ressaltar que o poder do jornalismo e dos jornalistas constitui uma pequena parcela do poder político. Age-se de tal forma em função dos media que essa subordinação, por si própria, representa uma manifestação de poder (Mesquita, 2003:19).

A invocação do jornalismo enquanto poder conduz, aliás, a resultados perversos do ponto de vista da afirmação da legitimidade da presença do jornalista no espaço público. Se os media fossem considerados poder – em plano idêntico aos «poderes republicanos» de Montesquieu – então a intervenção do jornalista no espaço público teria de ser encarada noutros termos, colocando-se inevitavelmente as questões de representatividade e do mandato.

A legitimidade da presença do jornalista no espaço público é um tema que, sendo raramente abordado de forma explícita e argumentada, está em debate quase permanentemente na nossa sociedade. O seu principal fundamento reside, segundo alguns autores, na competência para recolher e tratar informações, mas o jornalista analisa, comenta, exprime opiniões, observa, interpreta e narra. Gere o acesso ao «espaço público» de outras palavras consideradas «legítimas»: da autoria de actores políticos e sociais, intelectuais, cidadãos em geral.

A ideia do jornalismo de «contra-poder» é invocada na actualidade com maior frequência do que a fórmula datada do «quarto-poder». Não porque corresponda a uma noção mais elaborada no plano teórico, mas porque se revela dotada de maiores virtualidades enquanto modo de afirmação dos profissionais de jornalismo no espaço público (Mesquita, 2003:74).



Esta representação do jornalismo emerge com o liberalismo e em conexão com o desenvolvimento das ideias liberais. Neste contexto, os media são encaradas como parte integrante do sistema de pesos e contrapesos característico dos regimes democráticos. Nele se enquadram os momentos em que o jornalismo se destacou enquanto defensor de causas democráticas. A imagem da imprensa contra-poder corresponde às mitologias glorificantes da acção dos jornais e dos jornalistas.

Os meios de comunicação social constituem elementos estruturantes da sociedade, dependentes – em grau variável consoante o contexto – do poder político, das empresas mediáticas e de grupos económicos a que pertencem, das tendências determinadas pelo mercado e da própria categoria profissional dos jornalistas.

É sabido que os media nem sempre têm sucesso ao dizerem às pessoas o que devem pensar, mas têm sempre êxito ao dizer-lhes em que assuntos devem pensar. Por outras palavras, os meios de comunicação social determinam o quadro de temas e problemas socialmente pertinentes numa época determinada.

Como refere Estrela Serrano (1999), as notícias são representações da autoridade. Através delas, os jornalistas e as fontes possuem o poder de decidir quem tem voz e quem é excluído do acesso ao espaço público. Alguns autores consideram existirem interesses convergentes entre fontes e jornalistas na organização de manifestações públicas com algum grau de espectacularidade: os jornalistas ganham a certeza de uma notícia palpitante e os organizadores conseguem o efeito “bola de neve”, porque os media anunciam, acompanham e amplificam o impacto da acção que eles organizaram.

Por outro lado, a ideia de “jogo” (quem ganha e quem perde) que caracteriza a actividade política é extremamente atraente para os jornalistas porque lhes permite alimentarem as suas “estórias” durante um certo tempo.

A política é, desde sempre, espectáculo, encenação, dramatização. A noção, tão banalizada, de política-espectáculo não significa novidade absoluta. O que marca a diferença entre o espectáculo da monarquia absoluta e a política trabalhada pela televisão nos nossos dias é que as estratégias da distanciação foram substituídas pelas de proximidade (ou, pelo menos, de simulação dessa proximidade). O «teatro político» situa-se a meio do caminho entre o ritual e o espectáculo (Mesquita, 2003:100).

A produção de eventos constitui um dos principais instrumentos da acção política. Boorstin (1961) chama-lhes “pseudo-eventos” e define-os como possuindo as



seguintes características: não são espontâneos; surgem porque foram planeados; são criados para serem cobertos pelos media; o seu sucesso mede-se pela amplitude da sua cobertura; a sua relação com a realidade subjacente à situação é ambígua; geralmente, funcionam como uma auto-promoção.

Os políticos são os maiores criadores de eventos. Nos EUA, Roosevelt, com a colaboração de um amigável conjunto de jornalistas que integravam o *press corps* da Casa Branca, tornou-se um fazedor de pseudo-eventos e de *sound-bites* que enchiam as primeiras páginas dos jornais. Sabendo como os jornalistas vivem ávidos de notícias, Roosevelt ajudava-os a construí-las, orientando-as segundo os seus próprios interesses. Boorstin (1961) afirma que nos tempos actuais é possível construir uma carreira política inteiramente com pseudo-eventos. E aponta o caso de McCarthy que inventou a conferência de imprensa da manhã para anunciar a conferência de imprensa da tarde. Os jornais eram, assim, alimentados com anúncios que muitas vezes falhavam.

Sem o trabalho dos jornalistas, os políticos não poderiam criar os eventos que lhes trazem poder e notoriedade. Os jornalistas são, nesta matéria, aliados dos políticos.

Segundo Estrela Serrano (1999), as novas formas de criação de pseudo-eventos, especialmente no campo político, baralham os papéis de políticos e jornalistas. O político, de algum modo, compõe a "estória" (por exemplo ao fazer uma conferência de imprensa). O jornalista, por seu turno, pressionando o político para fornecer comentários ou entrevistas, é um criador de notícias. Esta situação torna difícil perceber o que é, de facto, a realidade quando os próprios protagonistas também não sabem.

Os jornalistas procuram constantemente novas "estórias" e os líderes políticos são a sua fonte principal. Para saberem o que eles pensam e fazem, cultivam relações com os políticos. Por seu turno, os políticos necessitam dos media para fazerem chegar ao público as suas mensagens. Por isso, cultivam igualmente relações com os jornalistas: promovem briefings, garantem-lhes acesso a locais e a eventos oficiais e, por vezes, fornecem-lhes espaço de trabalho.

A técnica da conversa de *background*, em que os políticos fornecem enquadramentos dos factos aos jornalistas, é um sistema colaboracionista que produz a impressão de uma franqueza e espontaneidade naturais. É uma maneira de fornecer notícias ou matérias para artigos de opinião, geralmente favoráveis aos políticos, mas que interessam aos jornalistas dado satisfazerem a sua avidez de informação e lhes



proporcionarem relações pessoais com o poder. Esta prática tornou-se hoje corrente por parte de políticos e jornalistas que vêm nela uma fonte de inspiração para os seus textos.

A explicação para esta conjugação de interesses entre jornalistas e políticos, aparentemente contraditória, reside, em parte, na própria natureza do trabalho jornalístico. Como escreveu Thomas Patterson (1997), a política não é o que mais interessa aos jornalistas. O mais importante para um jornalista é ter uma “estória” para contar. Numa visão estilizada do processo de produção de notícias, Murray Edelman (1988) afirma que os media decidem o que é importante para ser noticiado, algumas pessoas e instituições são aceites como “fontes de informação” e alguns eventos são considerados como possuindo suficiente interesse para o público.

Nos últimos anos, os jornalistas da imprensa escrita passaram a ser convidados pelos seus colegas da televisão para comentarem assuntos políticos (e outros), tornando-se, em muitos casos, comentadores residentes, ao lado de políticos profissionais. É através deles que a opinião política é veiculada.

Apesar das razões naturais para uma relação de cooperação entre jornalistas e políticos, existem igualmente entre eles motivos naturais de conflitos. Como profissionais, os jornalistas pretendem tomar as suas próprias decisões e receiam ser manipulados por parte dos políticos ou dos seus assessores. Por seu turno, os políticos receiam que os jornalistas deturpem as suas mensagens ou as voltem contra eles. O surgimento das relações públicas e a crescente consciencialização do governos de que podem usar em seu proveito as notícias, paralelamente à também crescente consciencialização da imprensa de que tem de lutar contra a manipulação das notícias, levaram os jornalistas a não se contentarem com a simples obtenção de notícias.

O papel dos media face ao poder político evoluiu de uma fase de reverência, sobretudo em algumas democracias ocidentais, para outra, situada por alguns autores nos anos sessenta, em que os jornalistas deixaram de dar apenas cobertura aos líderes políticos para passarem a criticá-los e escrutinar as suas acções e atitudes. O modelo de um jornalismo crítico e activo colocou sob constante vigilância os aspectos mais controversos da sociedade e o comportamento dos políticos. Os políticos, sobretudo os governantes, passaram a estar permanentemente sob o olhar dos cidadãos. Os jornalistas interrogam-nos, as sondagens dão conta do seu grau de aceitação ou rejeição. O poder



político é, assim, obrigado a gerir ao mesmo tempo o acontecimento e as reacções múltiplas e cruzadas da opinião pública (Serrano, 1999).

Os jornalistas (e os institutos de sondagem) são actores políticos que nenhum político pode desprezar na sua actividade quotidiana. Eles desempenham, a vários níveis, um papel importante na actividade governamental pela capacidade que possuem de forçar a discussão de determinados temas que não seriam prementes se não surgissem como “temas quentes” nas manchettes dos jornais ou em reportagens televisivas. Os media interferem na actividade dos governos, marcam a agenda, colocando os políticos sobre pressão constante e obrigando-os a tratar com urgência determinadas questões que requerem aprofundamento e estudo.

Contudo, apesar de os jornalistas serem, cada vez mais, actores políticos, os seus valores são diferentes e colidem muitas vezes com os valores políticos. O tempo dos media e o tempo da política não são muito compatíveis. Os media precisam de boas “estórias” que enfatizem os aspectos fora do comum, controversos ou dramáticos do mundo e da política. Os media orientam-se para acontecimentos que possam constituir-se em oportunidades de notícias, não para valores de natureza política.

### 3.1.1. Os jornalistas e as Fontes

Os repórteres políticos cultivam as suas fontes. O acesso às elites do poder é essencial para um repórter político. As notícias políticas resultam de um processo de negociação entre fontes e jornalistas baseado em relações de confiança e, muitas vezes, de cumplicidades. A maioria das "estórias" sobre política baseia-se em conversas informais ou entrevistas, ao contrário, por exemplo, das notícias sobre economia e justiça baseadas, sobretudo, em documentos.

No jornalismo político os repórteres de imprensa tendem a verificar informação que lhe chega através das fontes, ler o que escreveram outros jornalistas sobre o mesmo assunto, relacionar os factos, ouvir os intervenientes e tentar publicar primeiro que os outros.

A ausência de investigação sistemática nos media é explicada por vários autores, pela pressão imposta pelos *deadlines* e por outro tipo de constrangimentos que caracterizam a produção jornalística, sobretudo nos jornais diários. Em geral, os



jornalistas que cobrem a política fazem pouco uso dos documentos disponíveis nos centros de documentação e nas redacções, construindo as suas "estórias" com base nos contactos com as assessorias de imprensa ou com os próprios políticos.

O acesso habitual aos media verifica-se, sobretudo, por parte de instituições e entidades situadas na esfera política e institucional, quer através de actores especializados em comunicação, quer através de pessoas ligadas directamente à vida política, as quais cultivam relações com os jornalistas de uma maneira assídua e por vezes muito próxima, como acontece com os políticos e os jornalistas acreditados junto de instituições que produzem um grande fluxo de notícias. São, pois, as fontes "institucionais" organizadas e profissionalizadas as que mais acesso têm aos media, constituindo um importante sustentáculo das relações de poder instituídas.

Estrela Serrano (1999) refere que particularmente importante para o conhecimento das relações entre os jornalistas e o poder político é a chamada "cultura da sala de imprensa", isto é, a participação dos repórteres numa cultura comum construída no convívio diário uns com os outros e na familiaridade que estabelecem com as fontes. Essa familiaridade está patente na maneira como os repórteres abordam as fontes e como estas correspondem com um tratamento familiar e amistoso. Tuchman (1978) refere que os jornalistas associam a credibilidade de uma fonte à sua posição hierárquica, considerando que uma fonte com estatuto é, em princípio, uma fonte credível. Isso leva os jornalistas a preferirem as fontes institucionalizadas a fontes como o cidadão comum. Para Tuchman (1978), a notícia apoia-se nas estruturas institucionais ao mesmo tempo que as reproduz. As notícias justificam o poder das instituições legitimadas.

Os media contribuem para a criação de uma determinada ordem social resultante da divulgação de um tipo de conhecimento que emerge das suas relações com determinadas fontes de informação. Os media produzem, assim, um certo tipo de pensamento que se torna predominante na sociedade.

A arte de governar é a arte de fazer crer, diz Debray (1993) e os media são as tecnologias da crença colectiva. O político tem de ocupar terreno, dia após dia, ou desaparece. Um Estado que não ocupe o pequeno ecrã perde "o contacto" com os eleitores. O Estado tem de produzir, nos dias de hoje, uma quantidade crescente de imagens e de sons. É o espectáculo do Estado que faz o Estado, como o monumento faz



a memória. Um Estado que não possui nada para dar a ver e a ouvir, sem rituais, monumentos e documentos, é “um nada”. Discursos, textos e imagens devem circular para se tornar operacionais, a história descritiva e estática dos sinais do poder, a história dos historiadores, estará incompleta sem o estudo dos meios de transmissão desses signos, isto é, sem a história dos mediólogos (Serrano, 1999).

A melhor palavra para definir a relação entre os media e a sociedade talvez seja circularidade, porque o condicionamento recíproco é o principal traço definidor desse relacionamento. As relações sociais, políticas e económicas induzem representações mediáticas que, por sua vez, se repercutem na sociedade. Os media não constituem um poder absoluto, mas condicionam fortemente o contexto político, social e económico circundante (Mesquita, 2003:117).

### **3.2. A televisão e a Comunicação política**

A vida política é hoje influenciada por um conjunto de mediações de actores e de práticas. Confrontada com esta evolução, a actividade política organiza-se em torno de novas regras de funcionamento, adaptando-se à chamada “mediatização da vida política”.

A comunicação tornou-se parte integrante da actividade política e a explosão dos processos de comunicação política é fruto de um conjunto de actores que neles têm interesse. Por um lado, os conselheiros de comunicação e os publicitários que tentam convencer os seus clientes potenciais a confiarem-lhes a preparação das suas prestações mediáticas e das suas campanhas eleitorais, colocando ao seu serviço a sua criatividade, a sua competência técnica e o seu saber.

Segundo Mário Mesquita (2003), entende-se por comunicação política um conjunto de técnicas e processos utilizados pelos actores políticos, sejam eles, pessoas singulares ou colectivas, a fim de influenciarem a opinião pública. Neste sentido, a comunicação política surge-nos como uma extensão do marketing político, da mesma forma que a comunicação empresarial constitui um prolongamento do marketing propriamente dito. Estaríamos, assim, perante uma definição essencialmente tecnicista, baseada na interacção da televisão, da publicidade e das sondagens de opinião.



É mais rica a concepção alargada que visa a compreensão do conjunto de meios através dos quais circulam mensagens emanadas dos vários actores e centros de decisão política. Nesta perspectiva, a comunicação política abrange um vastíssimo conjunto de manifestações que vão desde formas tradicionais e ritualizadas, anteriores à emergência dos media (a posse dos governantes, a manifestação de rua ou o comício, por exemplo) até às modalidades características da publicidade e do «marketing» (Mesquita, 2003:91).

A comunicação política enquadra não só as formas de expressão emanadas directamente de instituições políticas, mas também aquelas que são mediadas pelo jornalismo, pela programação televisiva e radiofónica, pela publicidade ou pelas relações públicas. Desta forma, também as sessões parlamentares, as campanhas eleitorais, as relações públicas governamentais, municipais e locais, tal como a gestão mediática das sondagens e inquéritos de opinião, inscrevem-se no âmbito da comunicação política.

Missika e Wolton (1983) consideram quatro tipos de «actores de comunicação política», correspondentes a «palavras legítimas» que se exprimem no «espaço público contemporâneo»:

- Os *homens políticos*, que, de forma directa ou indirecta, retiram a sua legitimidade da eleição por sufrágio universal;
- Os *jornalistas*, que fundamentam a sua intervenção no espaço público na recolha e tratamento de informações, num quadro de liberdade de expressão do pensamento;
- Os *actores sociais e profissionais*, que se legitimam por via da representação de determinadas forças sociais ou grupos de interesses;
- Os *intelectuais*, que baseiam o seu acesso aos media e a sua intervenção pública nos saberes e no conhecimento, na ligação às instituições do ensino e da cultura.

No entanto, esta classificação está longe de esgotar o conjunto de actores do espaço público contemporâneo. A própria mediatização segregou novas categorias caracterizadas pela ambiguidade. As profissões dos media não se esgotam na figura do jornalista. Os apresentadores dos programas de variedades ou dos talk-shows têm, igualmente, acesso aos media no desempenho de tarefas de animação recreativa, política ou cultural.





A mensagem dos actores políticos inscreve-se num duplo registo: a representatividade alargada, abrangendo a opinião pública de uma forma generalizada, conjuga-se com a dimensão da representatividade restrita, que apenas tem em conta o universo dos seus pares (políticos, sindicalistas, jornalistas e outros).

Entre as situações de potencial conflitualidade entre políticos e jornalistas, emerge uma nova espécie de actor mediático: os comunicadores multimédia, que prestam, indiferentemente, os seus serviços na informação jornalística ou na comunicação empresarial e política (Mesquita, 2003:93).

### 3.2.1. Dispositivos de comunicação política

Mário Mesquita no seu livro *O Quarto Equívoco*, define dispositivo como um conjunto de elementos que estruturam o processo de comunicação política, nos quais se tornam relevantes os seguintes:

- O actor ou actores que desempenham o papel central no processo de comunicação política (por exemplo: o líder político num comício ou numa entrevista de televisão);
- O agente ou agentes que desempenham a função de mediação no processo de comunicação política (por exemplo: o apresentador do comício ou o jornalista que conduz a entrevista);
- O lugar a partir do qual se opera essa mediação (o palco de comício ou o estúdio de televisão);
- A presença ou ausência de público ou de qualquer tipo de assistência.

Esta noção de dispositivo ou dispositivo de enunciação é cómoda e operativa na medida em que o termo dispositivo pode designar uma grande variedade de elementos que contribuem para a enunciação mediática : as palavras, as entoações e gestos dos enunciadores, os elementos de linguagem fotográfica ou cinematográfica (enquadramento, ângulo, movimentos de câmara) que regulam a presença destes, no contexto visual a que pertencem.

Podemos identificar diferentes tipos de dispositivos de comunicação política. Se atendermos ao critério da entidade organizadora, é possível distinguir os dispositivos



organizados pelas instituições políticas (sessões de Parlamento, comícios ou cerimónias públicas) dos dispositivos organizados pelos media (debate televisivo ou telejornal).

No âmbito da primeira categoria, é possível ainda traçar a fronteira entre os dispositivos construídos apenas com vista à difusão mediática (as conferências de imprensa) e aqueles que, mesmo sendo (re)configurados em função da comunicação social, têm existência própria independentemente dos media (as sessões do Parlamento e outras cerimónias públicas).

Poderíamos ainda traçar a distinção entre os dispositivos de celebração, que visam criar consensos necessários à coesão social (comemorações), nacional ou comunitária, e os dispositivos de afrontamento, que visam enquadrar e conter a conflitualidade num quadro de regulamentos (debates eleitorais).

Examinando apenas os conteúdos, podemos contrapor aos dispositivos destinados exclusivamente à comunicação política (debate ou comício eleitoral) os dispositivos ocasional e parcialmente apropriados pela comunicação política, quer pertençam ao domínio do jornalismo (telejornal) ou do entretenimento (talk-show ou concurso).

Se nos referirmos apenas à origem histórica, a comunicação política abrange dispositivos inseridos em tradições de ritualização da política anteriores à emergência dos media (cerimónias de posse dos governantes ou manifestações de rua) e dispositivos de génese recente, correspondendo à lógica dos media, da publicidade e do marketing (conferências de imprensa ou os teledebates).

A «agenda dos media» organiza-se em função de acontecimentos, enquanto a «agenda política» se estrutura à volta de temáticas, de orientações programáticas ou linhas de acção. A fim de influenciarem a agenda mediática, os actores de comunicação necessitam de produzir acontecimentos adequados à lógica fragmentária de comunicação social.

O tempo de permanência de cada acontecimento no espaço público é drasticamente reduzido. Esta subordinação ao acontecimento traduz-se numa aceleração do próprio tempo de decisão política, cada vez mais planificada e assumida em função da transmissão mediática.

A instantaneidade da informação transformou-se numa dogmática. A «febre do directo» reflecte-se na produção jornalística quotidiana. Mesmo em casos de noticiário



de informação geral de âmbito local ou regional. Os cenários de directo fornecem-nos, em vez de notícias, «informação permanente sem interpretação e interpretação permanente sem informação». Mais precisamente: a justaposição de programas informativos em directo sem a indispensável contextualização e de debates e especulações à margem de actualidade noticiosa (Mesquita, 2003:96).

Como escreveu Patrick Champagne (1990), a mediatização da vida política obriga os políticos a tornar a sua acção tão espectacular quanto possível a fim de interessar os media, sobretudo a televisão. A política tornou-se, assim, o lugar privilegiado do espectáculo.

Como refere Debray (1993), sempre os Estados fizeram a sua publicidade. Contudo hoje a comunicação do Estado tornou-se o essencial da sua acção.

Os estereótipos e os modelos de representação, em número cada vez mais reduzido, modelizam a comunicação política na sociedade contemporânea. A realidade dos factos surge, deste modo, subordinada a estruturas dramáticas pré-estabelecidas.

A comunicação política valoriza particularmente o não-verbal, quer na sua dimensão visual (a presença, o gesto), quer na dimensão sonora (a entoação ou o ritmo de voz).

O debate televisivo não constitui apenas troca de argumentos prováveis, mas também comporta uma dimensão ligada à apresentação física e ao jogo gestual do contendor. A eficácia da mensagem, segundo os cálculos tecnicistas do «marketing», poderá depender mais da expressão do rosto, do timbre de voz, do que do conteúdo do discurso.

### **3.2.2. O directo e o telejornal**

A programação televisiva configurou-se, cada vez mais, como um tempo de espectáculo permanente, paralelo às horas de trabalho. Com o desenvolvimento da indústria, a concentração dos media e o predomínio da televisão comercial e privada, os espaços informativos foram progressivamente englobados e contagiados pela lógica de divertimento do *continuum* televisivo.

O jornalismo foi, portanto, cada vez mais influenciado pela lógica da emoção e entretenimento predominante nos tempos televisivos da ficção, da publicidade, dos



concursos e das variedades. Diversas análises contemporâneas insistem particularmente na necessidade de salvaguardar o espaço do jornalismo, através da separação entre comunicação e informação.

A adopção de novas tecnologias – conjugando o audiovisual, as telecomunicações e a informática – acelerou, de forma notável, o acesso à informação televisiva, reduzindo de forma drástica o tempo disponível para o tratamento de informação.

Por vezes, o jornalista «sabe» tanto como o telespectador acerca dos acontecimentos em curso. Improvisa sobre as imagens transmitidas em directo, como o locutor nos jogos de futebol. O directo é um progresso tecnológico assinalável, mas contém vários riscos, desde logo porque é possível que os acontecimentos decisivos se situem «fora de campo», longe do olhar das câmaras televisivas.

O «directo televisivo» coloca, frequentemente, o jornalista de televisão – o apresentador do telejornal – a reboque das imagens. O critério do directo – conjugado com outro, mais antigo, que se refere à existência de imagens – tem profundas repercussões em termos de comunicação política: determinado evento, aparentemente menor ou secundário (por exemplo: a reunião da secção distrital do partido), ao ser programado em directo para a hora do telejornal, consegue prevalecer sobre acontecimentos que, em função de critérios substantivos, seriam considerados mais relevantes.

O telejornal é construído como um show. Os políticos descem aos espectáculos de variedades. O orador empolgante dos comícios cede lugar ao contador de «estórias», imitando o comportamento privado no espaço público. O telejornal baseia-se na figura do apresentador, que joga o papel central, olha o telespectador nos olhos, oferecendo-se à identificação, através da simulação de uma atitude semelhante à do receptor face às notícias e reportagens televisivas que apresenta.

O apresentador do telejornal coloca-se no lugar geométrico adequado a propiciar a identificação do espectador.



### 3.2.3. A evolução do comício

A televisão apropriou-se do comício. O velho dispositivo de comunicação eleitoral foi «assaltado» pela sofisticação tecnológica importada do audiovisual. O objectivo originário do comício consistia em territorializar a política: ancorá-la a uma região ou a uma parcela do eleitorado. Actualmente, a dimensão local ou regional do comício coexiste com a difusão nacional (Mesquita, 2003:100)

Se os modelos importados da televisão, associados à profusão de ecrãs, invadiram comícios, assistimos também ao inverso: a transferência dos mecanismos do comício para o coração de outro género: o debate televisivo. Quando o debate político é reconduzido às metáforas da guerra (o duelo entre partidos políticos), da família (a coabitação entre o Presidente de esquerda e o primeiro-ministro de direita, ou vice-versa) ou a educação (o exame, a prova oral), os media estabelecem ligações entre os acontecimentos políticos e as experiências de outros fenómenos sociais conhecidos pelo auditório a que se dirigem. O velho modelo do comício – concebido com vista a propiciar a identificação dos militantes com o líder – transferiu-se para o interior do dispositivo do debate. Em certos momentos, o teledebate transformou-se em telecomício, adquirindo características de espectáculo tauromáquico, com vista à maximização das audiências.

### 3.2.4. «Democracia electrónica» vs «Marketing Político»

Não é fácil traçar uma síntese conclusiva acerca das tendências dominantes na comunicação política, mas é possível referir, de forma muito esquemática, algumas teses em confronto. Segundo Mário Mesquita (2003), podemos reter dois modelos-limite, podemos contrapor a perspectiva da «democracia electrónica» aos modelos críticos do «marketing político». No primeiro caso, trata-se de investigadores que consideram as tecnologias e os discursos dos media enquanto componentes fundamentais da democracia política e postulam as virtualidades do espaço público mediatizado, enquanto lugar de realização de «democracia de massas». É o modelo que



valoriza a existência de discursos contraditórios na televisão e acentua o papel das sondagens, enquanto forma de expressão da opinião pública.

No segundo caso, trata-se da desvalorização da possibilidade de debate contraditório no espaço mediático. Encaram-se as sondagens, usadas pelos jornalistas e pelos actores de comunicação política, como formas de construção da opinião pública e considera-se que a «pasteurização» televisiva da política obedece apenas aos imperativos do «marketing político».

A tendência para fazer prevalecer os valores de comunicação em detrimento da informação é particularmente notória em certos dispositivos de comunicação televisiva – como o telejornal ou o debate televisivo. A presença física, o débito de voz, o olhar ou o gesto são, por vezes, tão ou mais decisivos do que o «conteúdo» informativo das mensagens.

### **3.2.5. A televisão e o espectáculo: da Informação ao Entretenimento**

Patrick Lecomte (1993) refere que o espectáculo emblemático da política mediática, o debate eleitoral entre dois líderes nacionais em competição pelo poder ao mais alto nível do Estado oferece um campo privilegiado da exploração de novos modos e mecanismos da comunicação política inerentes à lógica da televisão.

Jean-Marie Cotteret (1991) escreveu que, como a comunicação política não pode mais ser suprimida, é conveniente o reconhecimento, dar-lhe um estatuto de modo a que seja finalmente uma fonte de reaproximação legal e legítima entre aqueles que detêm o poder e aqueles que estão sujeitos a ele.

A televisão tornou-se o suporte privilegiado das relações de comunicação. O contexto comunicacional, onde a imagem dos presidentes tornou-se num factor essencial, condiciona as futuras eleições bem como os seus actos políticos. O Presidente da República, sendo o chefe da supremacia de um país, não deve também descurar da sua imagem. Tal como os outros políticos detentores de cargos.

Para Teresa Velázquez (1992), a importância que o meio televisivo tem para a comunicação política em geral, parece indiscutível. A televisão conjuga todos os elementos: imagens, palavras, gestos, música... para construir o seu discurso. A imagem que a televisão apresenta é sintetizadora. É o resultado de uma selecção,



hierarquização e generalização aplicada ao trabalho de produção do discurso, pois este determina a codificação coerente da linguagem e do tempo de emissão. O tempo de emissão manda na televisão e sobre ele gira todo o trabalho de produção e construção do discurso televisivo.

A investigação de Teresa Velázquez no livro *Los políticos y la television – Aportaciones de la teorá del discirso al diálogo televisivo* tem como objectivo a entrevista, mais propriamente, a entrevista política em televisão. Segundo a autora, o cenário é um elemento a ter em conta. Os marcos sociais específicos em que se desenrola a situação comunicativa da conversação quotidiana podem estar vinculados a espaços públicos, privados e íntimos.

Desta forma, quando a entrevista política televisiva se desenvolve em espaços públicos e privados, estes transformam-se em cenários institucionais desde que apareçam publicitados pelo meio de comunicação.

Como actividade comunicativa, a entrevista desenvolve a sua acção por meios de actos comunicativos, espacial e temporalmente delimitados pelo tempo de realização e o tempo de emissão. A posição em cena, a actuação dos personagens, o jogo das câmaras, as luzes, a maquilhagem a que são submetidos os personagens, a localização espacial onde se realiza a entrevista são condicionamentos que afectam o desenvolvimento da entrevista. Outro elemento importante a destacar é a função que cumpre a entrevista em televisão. O propósito básico que se atribui à entrevista é o informativo. A entrevista, e sobretudo a entrevista realizada a políticos, está sempre relacionada com o tema ou com a personalidade em causa.

Às vezes apresenta-se a informação com entretenimento. É caso dos programas cujos temas giram à volta de personalidades. Outras entrevistas apresentam o entretenimento como informação, no caso de programas que têm um carácter desportivo ou de passatempo, em que a função informativa fica subordinada ao entretenimento. Também existem programas culturais em que a informação e o entretenimento não se diferenciam.

Nos programas cuja função geral temática é a informação, o político está presente, fundamentalmente, devido ao cargo que ocupa, ou estatuto que tem na esfera público-política e também por estar a par da actualidade. A actualidade pode-se estender, em certos casos, a temas considerados de interesse pelos meios de comunicação em



geral e a televisão em particular. Interessa saber qual é a opinião dos políticos sobre esses aspectos, qual o seu compromisso perante os mesmos.

Nos programas em que a função geral temática é o entretenimento, o político está presente como personagem pública. A sua intervenção é distendida e os temas a tratar são tanto do âmbito da situação política, como os aspectos pessoais com certas nuances de distanciamento.

A entrevista é uma forma de expressão que aparece na maior parte das manifestações discursivas da televisão. A entrevista política é um tipo de discurso cuja intencionalidade é a de persuadir, convencer e informar, mediante argumentos, o interlocutor. A actuação e representação dos diferentes papéis do político dependem da sua maneira de expressar-se, a oratória e a atitude.

A intervenção dos actores sociais (políticos, profissionais), para além de informar e narrar os acontecimentos, também é a de opinar, interpretar, valorizar e concluir, mostrando as tendências, mediante a formulação de perguntas a que o entrevistado responde. A entrevista política contribui para a construção da realidade social dos acontecimentos comunicativos.

O meio televisivo, através da entrevista, não só configura, dirige e orienta uma determinada direcção da sua visão da realidade, como oferece a sua versão da mesma ao público, mas também a hierarquiza e sintetiza.

### **3.3. A Política na SIC**

A televisão tornou-se o palco preferido dos políticos para exporem as suas ideias, conhecimentos e pontos de vista. Usam-na em seu proveito para conquistar um maior número de eleitorado. Em período de eleições, o tempo que ocupam os ecrãs é ainda maior.

Ao longo destes quinze anos de existência, a Sociedade Independente de Comunicação (SIC) apresentou uma diversificada grelha de programação. No arranque das suas emissões, a SIC optou por uma grelha variada, apresentando uma estratégia de confronto com o canal público. A SIC entra no PAP (Panorama Audiovisual Português) em 1992 e assume-se como promotora de inovação na informação semanal, tendo uma





posição irreverente perante os vários poderes, nomeadamente, o poder político. É nos programas de debate e reportagem que a estação de Carnaxide ganha maior evidência.

Nos primeiros anos, a SIC optou pela exibição de debates regulares que, mais do que seguir a agenda pública, construía alinhamentos que condicionavam frequentemente a realidade, tendo como preferência temas relacionados com a política ou com áreas estruturais da sociedade.

De acordo com um dos fundadores da corrente do «agenda-setting», Maxwell McCombs (1997), a ideia base do agenda-setting afirma a existência de uma relação directa e causal entre o conteúdo da agenda dos media e a subsequente percepção pública de quais são os temas importantes do dia.

A análise da relação entre a agenda mediática e a agenda pública evidenciou que os media – em especial, a televisão – constituem a ligação fundamental entre público e realidade exterior, porque detêm a capacidade de determinar os temas sobre os quais se pensa, configurando uma visão do mundo.

Fazendo uma viagem pelo tempo, a SIC, sendo o primeiro canal privado português, pautou-se inicialmente pela inovação e irreverência.

Em 1993, Margarida Marante conduzia e coordenava o programa “*Conta Corrente*”, onde na primeira parte entrevistava um convidado e na segunda parte alargava-se o estúdio a um convidado-surpresa que também entrevistava o convidado, criando-se um contraditório mais acentuado que aquele que é permitido à jornalista. Estes vectores construía um formato orientado para temas de grande visibilidade e notoriedade públicas, não sendo, por isso, surpreendente que a política se constituísse como mote de grande parte dos programas. Reunindo o maior número de emissões, os temas que se concentravam nas áreas estruturais da sociedade eram muitas vezes discutidos próximos do terreno político (Lopes, 2007:53). “*Conversas Curtas*” juntou-se, a partir de Outubro de 1993, ao “*Terça à noite*”. O novo programa da SIC, apresentado pelo seu editor de política, Carneiro Jacinto, analisava a política nacional no serão de domingo através de quatro convidados. Integravam-se essencialmente temas políticos enquadrados não só pelos protagonistas dos factos noticiosos, mas também por quem se pronunciava criticamente acerca deles.

Com base no estudo de Felisbela Lopes, *A TV das elites – Estudo dos programas de informação semanal dos canais generalistas (1993-2005)*, em 1993, o terceiro canal



tinha em antena três programas de informação semanal, “*Terça à noite*” e “*Conversas Curtas*” um de debate e outro de entrevista respectivamente, e, o programa “*Conta Corrente*” que juntava a entrevista e o debate. Os temas destes programas centravam-se essencialmente na política e nas suas áreas estruturais (economia, justiça, educação). Elegendo a política como tema central, os políticos como interlocutores privilegiados e as franjas horárias mais rentáveis do ponto de vista audimétrico, os debates emitidos no horário nobre dos canais generalistas foram um espaço de reprodução de uma certa ideologia dominante e da rentabilização de audiências. Seguindo um linha editorial pró-activa em relação a acontecimentos que, por essa via, muitas vezes, entravam na agenda mediática, os debates da SIC adoptaram um modelo de discussão dual, que colocava frente-a-frente convidados de posições antagónicas. Como refere Felisbela Lopes, a SIC, através desta linha editorial pró-activa em relação aos factos e contestatária relativamente a quem detém o poder, provocou alguns tumultos em determinados campos, principalmente na política.

Em 1994 e 1995, a SIC mantém fidelidade aos debates semanais que continuavam a animar o horário nobre da estação e a conferir-lhe uma forma rápida de conseguir mediatizar os factos e de lhes dar outra dimensão. De todos os canais, foi a SIC que sobressaiu no número de horas em directo e na pressão que exerceu sobre o Governo.

Ao nível da relação de poder dos canais generalistas com a política, a SIC evidenciou-se numa postura pró-activa: introduziu novos temas na agenda política, investigou casos incómodos para o Governo, deu visibilidade a vozes críticas, desviou-se do chamado “Portugal sentado”, mediatizou os acontecimentos promovidos pelas fontes oficiais por um ângulo marginal ao qual conferiu centralidade (Lopes, 2001:81). Ainda que os conteúdos de entretenimento tivessem sido decisivos para a estação de Carnaxide conquistar a liderança das audiências, também procurou capitalizar telespectadores nos programas informativos, de debate e entrevista semanal, onde a política, de uma forma ou de outra, estava sempre presente.

No ano de 1996, a SIC consolidou a liderança das audiências. Tendo uma oferta televisiva preenchida com novelas brasileiras, *sitcoms* faladas em português e concursos de formatos populares testados em canais estrangeiros, os debates generalistas eram transmitidos depois das 23 horas. Apesar de serem transmitidos nesta franja horária, os



programas de informação atingiram um número expressivo de telespectadores. Neste ano, a SIC emite “*Crossfire*”, um programa de debate moderado pelos jornalistas Margarida Marante e Miguel Sousa Tavares, onde seguiam a actualidade noticiosa do país, privilegiando-se a política e os políticos. A novidade surge na parte final: um comentário em que os moderadores tomam posição sobre a entrevista.

De todos os programas de debates e entrevistas dos canais generalistas no ano de 1996, é no programa da SIC “*Crossfire*” que estava presente o maior número de políticos (16). Na temporada de Outono, o terceiro canal estreou o “*Esta Semana*”, um programa que seguia uma linha editorial que colocava no ecrã problemáticas que afectavam em diferentes graus a vida dos cidadãos. No entanto, a política estava também presente neste formato televisivo, através da abordagem de temas sociais e de assuntos que estavam ou viriam a estar na agenda mediática.

Nos anos 90, a SIC foi o canal com mais programas de informação semanal e globalmente era aí que cada um deles permanecia mais tempo na grelha. Ainda que a política nacional fosse o tema privilegiado nos debates televisivos, nos formatos de reportagem havia um alargamento para outros campos sociais. Assim, à medida que percorrem o ano de 1996, os debates tendiam a prestar mais atenção ao social em detrimento da política, mas nunca abandonam esta última, principalmente os canais privados. Os políticos continuavam a ser os convidados preferidos, principalmente aqueles que faziam parte do Governo ou pertenciam a partidos com maior representação no Parlamento.

No ano de 1997, a SIC continuava a liderar as audiências. A programação informativa era mais variada, embora, no segundo semestre, se verificasse um decréscimo de programas na grelha da SIC e conseqüentemente uma diminuição da política e de políticos na estação. Neste ano, a estação de Carnaxide estreava programas que confundiam realidade com ficção. Assim, numa grelha que enchia o horário nobre com conteúdos de entretenimento, recolhendo estes grande receptividade junto do público, tornava-se difícil a imposição de certos programas informativos.

No ano seguinte (1998), continuando a ser o canal preferido dos portugueses com uma ampla margem de intervalo em relação aos outras estações televisivas, a SIC apresentava uma grelha que, ao longo do ano, se renovava em permanência, sem, no entanto, introduzir uma ruptura com a oferta televisiva que tinha estado a propor às



audiências. Desta forma, os debates e entrevistas televisivas sobre política e áreas estruturais da sociedade ocupavam menos espaço no segmento nocturno do canal. Em contrapartida, o jornalismo feito ao ritmo diário ganhava novos contornos através de operações especiais que se promovem em ligação com acontecimentos marcantes. E apesar de reduzir o número de formatos de informação semanal, a SIC continuava a ser a estação televisiva com mais emissões nesse campo. Os políticos, outrora presença habitual neste género de programas, eram agora menos solicitados, porque a política deixava de constituir o eixo estruturante dos debates televisivos.

Nos anos de 1999 e 2000, a SIC não valorizou devidamente a concorrência e iniciou uma curva descendente. Até ao Verão de 2000, a SIC continuava a liderar as audiências. Contudo, na temporada de Outono, verificaram-se mudanças na oferta televisiva e, principalmente, no modo com se geria a grelha de programação.

O último biénio do século XX caracterizou-se por mudanças significativas na informação televisiva semanal. Ao longo dos dois anos, a informação semanal foi sendo desalojada do horário nobre da SIC para dar mais espaço ao entretenimento que hegemoniza os serões televisivos.

Em 2001, a programação da SIC adoptava uma programação idêntica à da TVI. Na grelha da SIC não se encontravam programas de informação semanal, com excepção de “Jogo Limpo” e dos noticiários diários. As diversas estratégias que a estação de Carnaxide ia ensaiando ao longo deste ano para captar os telespectadores acumularam sucessivos fracassos donde resultou a perda de audiências em período nocturno.

O ano de 2002 não foi muito diferente do anterior, mas nele se evidenciava uma maior diversidade de géneros em horário nobre. A SIC apostava numa engenharia de programação que tentava equilibrar a informação com o entretenimento. “*Ficheiros Clínicos*” e “*Hora Extra*” foram os programas de informação semanal existentes na grelha da SIC durante esse ano.

Durante o ano de 2003, a SIC abria o segmento nocturno com o “*Jornal da Noite*” seguido de novelas brasileiras da Rede Globo, formatos de humor em português, concursos de música centrados no casting. Na informação semanal, foi em “*Hora Extra*” que os temas e actores sociais encontraram um espaço privilegiado, mas este formato não teve grande valorização na grelha da SIC.



Desta forma, a estação de Carnaxide deixou de parte a política, uma vez que o mote de debate do “*Hora Extra*” foi encontrado em áreas estruturais e no desenvolvimento/bem-estar pessoais de determinado escalão etário ou grupo social.

A ausência de formatos informativos na programação da SIC era explicado pela rentabilização das audiências, segundo Pinto Balsemão, “os programas têm de agradar ao maior número de pessoas e não têm necessariamente de ser enriquecedores, têm de divertir, entreter e libertar” (*Público*, 9 de Outubro de 2003).

Em 2005, a SIC continuava a excluir a informação semanal do horário nobre, circunscrevendo os seus esforços de renovação dos noticiários da noite: fazendo reajustamentos de cenários e grafismos, mudando de pivots e criando espaços de comentário.

Actualmente, a SIC mantém os noticiários diários, mas os formatos de informação semanal centram-se no canal temático do cabo, SIC Notícias, que existe desde de 2001 e se mantém como o canal do cabo mais visto. Para além dos blocos informativos transmitidos de hora em hora, a SIC – Notícias apresenta uma grelha preenchida por debates e entrevistas, tendo alguns formatos apenas a presença de políticos, caso disso, o programa “*Quadratura do Círculo*” em exibição às quintas-feiras as 23 horas.

Como refere Felisbela Lopes (2007), hoje, talvez seja difícil manter as audiências presas a longos debates e interessadas em discursos puramente intelectuais. O desafio da informação televisiva é reinventar formas de tornar esses programas interessantes e participativos, sem os transformar em espaços vocacionados para a exploração gratuita das emoções dos convidados.

## **4. CAMINHOS DA INVESTIGAÇÃO EMPÍRICA**

### **4.1. Porquê a SIC Notícias?**

A televisão poderá não ser o meio mais permeável a todo o tipo de acontecimentos, mas será aquele com mais poder estruturante, assumindo-se como uma espécie de arena colectiva onde se partilha um mundo comum ou aquilo que, a partir dessa visibilidade mediática, passa a integrar o espaço público contemporâneo. Poderá



não ser o meio com maior independência dos vários tipos de poder, nomeadamente do político e do económico, mas é aquele que, por atingir um grande número de pessoas, maior capacidade tem para criar laços sociais de várias ordens.

Considerando a televisão uma das cenas privilegiadas do espaço público contemporâneo, pensamos que a análise da presença da política num determinado canal de televisão comporta traços pertinentes enquanto objecto de estudo.

A escolha da SIC como canal sobre o qual incidimos o nosso objecto de estudo deve-se ao facto de este canal ter sido o local que nos recebeu durante os três meses de estágio.

Considerada inicialmente como uma prioridade, a programação informativa dos canais generalistas emitida em horário nocturno e feita ao ritmo semanal foi sendo progressivamente desvalorizada pelos programadores ao longo dos primeiros anos de coabitação entre sectores público e privado (Lopes, 2007:323). Cientes que o estudo da programação nocturna do canal generalista escolhido (SIC) nos levaria a uma mera análise de um noticiário, as nossas escolhas recaíram sobre o estudo da programação do canal cabo da SIC: SIC Notícias. Sendo este canal um canal temático de notícias, oferece uma maior diversidade de programas de informação semanal, permitindo o debate de ideias que caracteriza a esfera pública.

## 4.2. Objecto e caminhos de análise

O nosso objecto de análise será a programação apresentada no horário nobre (das 21 às 24 horas) emitida de segunda a sexta-feira. Dividiremos o estudo em duas partes consoante a franja horária.

Numa primeira parte, analisaremos os noticiários emitidos nas franjas horárias, das 21 às 22 horas, e das 22 às 23 horas. A este nível, **pretendemos identificar e caracterizar os convidados presentes nessas emissões assim como descrever e explicar os formatos transmitidos.**

Na segunda parte, o nosso objectivo prende-se com a análise dos programas emitidos no segmento nocturno das 23 às 24 horas, tendo em conta **o género informativo do formato e os convidados.**



Para prosseguirmos o estudo da análise da programação da SIC Notícias apresentada no prime-time durante a semana, procedemos aos seguintes passos:

- Elaboração de uma lista da programação semanal da SIC Notícias, através da consulta de grelhas de programação na imprensa e Internet;
- Recolha junto da SIC de elementos sobre os convidados dos programas emitidos entre as 21 às 23 horas nos meses de Janeiro e Fevereiro de 2008, a fim de os poder caracterizar e tentar perceber quem são as famílias políticas aí representadas;
- Gravação em DVD da programação da SIC Notícias durante as semanas de 10 a 14, de 24 a 28 de Março e de 7 a 11 de Abril no período de horário nobre (21-24 horas), para uma melhor compreensão dos respectivos temas e convidados presentes para os discutir. As três semanas entre Março e Abril de 2008 foram escolhidas aleatoriamente.

A lista dos programas das franjas em estudo figura no Quadro 1. Para conhecer os actores que ocupam as cenas mediáticas e os assuntos que foram aí discutidos, analisámos todas as emissões das semanas seleccionadas.

**Quadro 1: Programas emitidos durante as semanas acima seleccionadas**

		Dias da Semana				
		Segunda - Feira	Terça-Feira	Quarta-Feira	Quinta-Feira	Sexta-Feira
Franja Horária	21h -22h	Jornal das Nove	Jornal das Nove	Jornal das Nove	Jornal das Nove	Jornal das Nove
	22h -23h	Edição da Noite	Edição da Noite	Edição da Noite	Edição da Noite	Edição da Noite
	23h -24h	Dia Seguinte	Dia D	Quadratura do Círculo	Negócios da Semana	Expresso da Meia-Noite

Separados por nomes e datas/horário de emissão, todos os programas gravados entre as 23 e as 24 horas serão acompanhados pela identificação dos temas discutidos e respectivos convidados.



O material que seleccionámos será submetido a análise construída através de métodos quantitativos e métodos qualitativos

A primeira parte centrar-se-á numa investigação longitudinal que abrange o período do horário nocturno das 21 às 23 horas, tentando responder às seguintes questões: Quem são os convidados presentes? Que famílias políticas integram? Qual o género a que pertencem? Quantas vezes são convidados durante um mês? Quais os partidos mais representados?

Na segunda parte, analisamos a franja horária das 23 às 24 horas, através de um método essencialmente qualitativo. A esta parte circunscrever-se-á a uma investigação transversal ou de corte, em relação à qual utilizaremos predominantemente um método qualitativo aplicado a uma análise de conteúdo relativamente aos formatos exibidos e aos actores presente consoante o formato de programa for com ou sem painel fixo.

Optando preferencialmente pelas análises de conteúdo enquanto técnica de tratamento de informação – desenvolvida através dos métodos qualitativos e por métodos quantitativos –, não será para o registo descritivo que se norteará esse trabalho, mas para a interpretação do material que teremos em mãos, o que implica uma opção pela inferência cujos traços de significação serão articulados com as questões para as quais buscamos respostas.

Trabalhos empíricos desenvolvidos noutros países assinalam os *media*, nomeadamente a televisão, como lugar propício à reformulação da hierarquia social – um retrato que vem ao encontro das teses dos investigadores da Escola de Frankfurt, para quem, os meios de comunicação social reproduziriam a lógica de dominação vigente na sociedade, neutralizando a capacidade crítica dos receptores. A nível internacional, um dos investigadores que mais atenção tem dado ao estudo do perfil daqueles que ocupam os *plateaux* televisivos das emissões de informação é Sébastien Rouquette. Na sua perspectiva, esse trabalho permite elaborar “*um rascunho da face valorizada da sociedade que conta simbolicamente*” (2001: 16). Sendo alvo de elogios e reparos, o paradigma do *agenda-setting*, quando aplicado ao audiovisual, sublinha o impacto que qualquer emissão televisiva tem junto da respectiva audiência. Como refere Felisbela Lopes (2007), para além de saber quem é chamado a falar, é igualmente importante conhecer do que se fala. Serão os *plateaux* dos programas de informação





espaços abertos a todo o tipo de problemática ou circunscrever-se-iam a determinados assuntos?

A análise dos convidados em destaque em programas que tomam a realidade como referência é um dos meios que permitem ponderar a vitalidade e pluralidade desse espaço público mediatizado.

Olhando o audiovisual como uma cena privilegiada do espaço público contemporâneo, é importante conhecer os actores que se movimentam nos palcos televisivos. Interessa-nos conhecer o perfil daqueles que são interpelados a discutir determinada questão.

Um espaço público igualitário, diversificado e acessível é algo que identificamos com uma democracia e que fazemos transitar para a televisão, actualmente um dos lugares mais expressivos da esfera pública. Para averiguar o grau de democraticidade das arenas colectivas construídas pelos programas que abrem os respectivos cenários para a conversação de temáticas diversas, é importante saber quem é chamado a tomar parte dessas discussões. Se a conversação televisiva é um momento privilegiado de observação das relações sociais, quais são os grupos mais visíveis mediaticamente (Lopes, 2007)?

Para responder a este tipo de questões, dividiremos os convidados pelas seguintes categorias, distinguindo, no interior de cada uma delas, os homens das mulheres:

- Políticos (Governo, PS, PSD, CDS-PP, PCP, BE, Outros)
- Sindicalistas/ Representantes de Associações
- Cargos/ Responsáveis por Instituições
- Juristas/Magistrados
- Economistas/Empresários
- Académicos/Professores
- Jornalistas/Comentadores
- Médicos/Psicólogos
- Militares/Forças Policiais
- Desportistas
- Indústrias Culturais
- Outros



- Cidadão comum

## **5. RETRATOS DA PROGRAMAÇÃO SEMANAL DA SIC NOTÍCIAS**

### **5.1. Análise da Programação do Período 21h-23h**

Sendo o nosso estudo dividido em duas partes, passámos a analisar a primeira parte da nossa investigação. A grelha do canal de notícias da SIC apresenta-nos dois programas informativos das 21 às 23 horas. Sendo emitido das 21 às 22 horas o *Jornal das Nove* e das 22 às 23 horas a *Edição da Noite*.

#### **5.1.1. Jornal das Nove**

O Jornal da Nove é um formato transmitido de segunda a sexta-feira apresentado pelo jornalista Mário Crespo emitido na SIC Notícias com duração de cerca de uma hora (21h – 22h). Este programa divide-se em duas partes. A primeira parte é composta por um noticiário e pela presença de um convidado que comenta um determinado tema da actualidade que é introduzido pela transmissão de uma peça jornalística sobre o tema. Na segunda parte do programa, assiste-se a um “Frente-a-Frente”, isto é, a um debate entre dois convidados de grupos partidários diferentes. Nesta parte do programa, cada convidado dispõe de um determinado tempo para falar de conteúdos que eles próprios trazem à agenda pública, para posteriormente comentarem e debaterem os temas da actualidade introduzidos pelo Mário Crespo.

Desta forma, passámos a analisar os convidados presentes no *Jornal das Nove* em Janeiro, Fevereiro e nas três semanas entre Março e Abril.

### Quadro nº 2 – Convidados presentes no *Jornal das Nove*

	Políticos	Juristas/Mag.	Econ./Empres.	Jorn./Com.	Méd./Psic	Acad./Prof.	Instituições	Ass./Sindicatos	Militares	Desportistas	Ind. Culturais	Outros	Total
Janeiro	44	2	5	1	3	3	1	0	1	0	0	2	62
Fevereiro	35	2	2	4	1	3	0	0	0	0	1	1	49
10Mar a 14Mar	9	1	1	1	0	3	0	0	0	0	0	0	15
24Mar a 28Mar	8	0	1	1	1	2	0	1	0	0	0	0	14
7Abr a 11Abr	8	0	0	0	1	1	0	0	0	0	1	0	11
<b>Total</b>	<b>104</b>	<b>5</b>	<b>9</b>	<b>7</b>	<b>6</b>	<b>12</b>	<b>1</b>	<b>1</b>	<b>1</b>	<b>0</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>151</b>

Como mostra o quadro nº 2, a maioria dos convidados que marca presença no *Jornal da Nove* são pertencentes à classe política, seguidos dos académicos/professores e economistas/empresários. Nos meses de Janeiro e Fevereiro os políticos são cerca de 70% dos convidados deste programa.

### Quadro nº 3 – Convidados políticos do *Jornal das Nove*

	Políticos														Total
	Governantes		PS		PSD		PP		PCP		BE		Outros		
	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M	
Janeiro	2	0	6	1	9	2	7	4	3	2	2	4	0	2	44
Fevereiro	0	0	5	0	10	3	3	4	3	0	3	2	0	2	35
10Mar a 14Mar	1	0	0	1	2	0	1	2	1	0	0	0	0	1	9
24Mar a 28Mar	0	0	1	1	2	0	2	0	0	0	1	1	0	0	8
7Abr a 11Abr	0	0	1	0	1	0	1	2	0	1	2	0	0	0	8
<b>Total</b>	<b>3</b>		<b>16</b>		<b>29</b>		<b>26</b>		<b>10</b>		<b>15</b>		<b>5</b>		<b>104</b>

Relativamente à classe política, podemos verificar um maior número de convidados pertencentes à direita e centro de direita (55) do que de esquerda (44).

É de salientar que dos 104 políticos que marcaram presença no *Jornal da Nove* 35 são mulheres, ou seja, cerca de 34% dos convidados. O grupo partidário que se faz representar por um maior número de mulheres é o Partido Popular (PP).

Apesar do número avultado de políticos neste programa, convém realçar que alguns dos convidados são repetidos.



Tendo o *Jornal das Nove*, por média, 3 convidados por programa, quase sempre dois deles pertencem a famílias políticas. O “Frente-a-Frente” é um verdadeiro chamariz da classe política portuguesa. O outro convidado presente, geralmente, é um especialista/entendido no assunto de actualidade, embora existam excepções, e possam também ser convidados políticos quando o tema em questão seja também de ordem política. O maior partido da oposição (PSD) é o que contém mais presenças em estúdio, seguido do Partido Popular que consegue ser mais vezes representado que o Partido Socialista e o Governo juntos. Tendo em conta que os partidos com maior assento no parlamento são o PS, PSD e PCP, durante o nosso estudo, o Partido Popular (PP) esteve sempre presente em estúdio para o debate de ideias e de opiniões no “Frente-a-Frente” do *Jornal das Nove*, ao contrário do Partido Comunista Português (PCP) e do Governo. Este é o formato que mais espaço e tempo dá à política na SIC Notícias. Embora haja um grande número de convidados, estes repetem-se variadas vezes ao longo das emissões.

### 5.1.2. Edição da Noite

O programa *Edição da Noite* é apresentado pela jornalista Ana Lourenço, transmitido de segunda a sexta-feira na SIC Notícias entre as 22 horas e as 23 horas. Tem duração de uma hora, com excepção da segunda-feira que é mais curto, devido à longa duração de *O Dia Seguinte*.

Neste formato há um bloco informativo onde se resume a actualidade noticiosa do dia. De seguida, a antena é entregue aos convidados que comentam e analisam os temas que estão na ordem do dia.

#### Quadro nº 4 – Convidados do Edição da Noite

	Políticos	Juristas/Mag.	Econ./Empres.	Jorn./Com.	Méd./Psic	Acad./Prof.	Instituições	Ass./Sindicatos	Militares	Desportistas	Ind. Culturais	Outros	Total
Janeiro	9	1	2	16	2	8	1	0	0	1	1	4	45
Fevereiro	1	1	3	17	1	8	0	1	1	0	0	3	36
10Mar a 14Mar	1	0	0	7	0	0	0	0	0	0	0	0	8
24Mar a 28Mar	0	2	1	3	1	2	1	0	0	0	0	0	10
7Abr a 11Abr	0	2	0	2	0	0	3	0	0	0	0	0	7
<b>Total</b>	<b>11</b>	<b>6</b>	<b>6</b>	<b>45</b>	<b>4</b>	<b>18</b>	<b>5</b>	<b>1</b>	<b>1</b>	<b>1</b>	<b>1</b>	<b>7</b>	<b>106</b>

Durante os meses de Janeiro, Fevereiro e as três semanas entre Março e Abril, dos 106 convidados da Edição da Noite 45 foram jornalistas/comentadores, 18 académicos/professores e 11 pertenceram à classe política. Neste bloco informativo, houve uma maior diversidade de convidados.

#### Quadro nº 5 – Convidados políticos do Edição da Noite

	Políticos														Total
	Governantes		PS		PSD		PP		PCP		BE		Outros		
	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M	
Janeiro	1	0	3	1	3	0	0	0	1	0	0	0	0	0	9
Fevereiro	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1
10Mar a 14Mar	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1
24Mar a 28Mar	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
7Abr a 11Abr	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
<b>Total</b>	<b>1</b>		<b>4</b>		<b>5</b>		<b>0</b>		<b>1</b>		<b>0</b>		<b>0</b>		<b>11</b>

O número de convidados políticos neste programa é reduzido. Durante o nosso tempo de estudo, verificámos que estiveram presentes em estúdio 11 políticos, dos quais apenas uma mulher. Neste formato televisivo há um maior equilíbrio entre a presença das famílias políticas de esquerda e direita. O maior partido da oposição (PSD) contém 5 presenças e os partidos de esquerda também.

**No programa Edição da Noite assiste-se a um leque de convidados mais diversificado relativamente ao Jornal das Nove. Há uma maior tendência para outro tipo de convidados em detrimento dos políticos. Convém realçar que este é**



também um formato diferente do *Jornal das Nove*, uma vez que aqui se apela à explicação, análise e opinião de especialistas para os temas em questão. Os convidados dependem dos temas em debate. Neste programa pretende-se explicar a actualidade, *explicar*, isto é, eliminar pregas, exhibir as partes escondidas. A presença de outros tipos de convidados que não os políticos, justifica-se porque estamos perante um discurso racional que exige conhecimentos específicos no âmbito do assunto que se pretende compreender. Há uma valorização da classe jornalística/comentadora e dos especialistas, propriamente ditos, académicos/professores.

## 5.2. Análise da Programação das 23h-24h

Analisada a primeira parte do nosso estudo, debruçámo-nos sobre a outra parte correspondente à análise da programação emitida no segmento nocturno das 23 horas às 24 horas de segunda a sexta-feira na SIC Notícias.

Durante a semana, nesta franja horária deparámo-nos com diferentes programas consoante o tipo de convidados, sendo alguns com painel fixo e outros não.

Assim sendo, os formatos televisivos *O Dia Seguinte* e *Quadratura do Círculo* às segundas e quartas-feiras, respectivamente, têm painel fixo como mostra o quadro nº 6.

### Quadro nº 6 – Convidados dos programas com painel fixo

Programas com painel fixo	
2ª Feira	4ª Feira
<b>O Dia Seguinte</b>	<b>Quadratura do Círculo</b>
Fernando Seara	Jorge Coelho
Dias Ferreira	Pacheco Pereira
Guilherme Aguiar	Lobo Xavier



### 5.2.1. O Dia Seguinte

Às segundas-feiras o período nocturno da SIC Notícias é preenchido pel' *O Dia Seguinte*. Um programa que contém painel fixo e a duração de cerca de 90 minutos apresentado pelo jornalista João Abreu. Deste programa desportivo são convidados residentes Fernando Seara, Dias Ferreira e Guilherme Aguiar que comentam e analisam o futebol em geral e a Liga Portuguesa de Futebol em particular. Os convidados têm a particularidade de cada um ser adepto fervoroso dos intitulados “três grandes”. Assim sendo, Fernando Seara é adepto do Sport Lisboa e Benfica (SLB), Dias Ferreira do Sporting Clube Portugal (SCP) e Guilherme Aguiar do Futebol Clube do Porto (FCP).

Semanalmente este leque de convidados faz a análise da jornada que passou assim como todos os meandros que envolvem o futebol. Durante as três semanas estudadas, os temas discutidos na primeira semana, dia 10 de Março foram a demissão de José Camacho do Benfica e os constantes maus resultados do Sporting. Na semana de 24 de Março, o programa desportivo analisou a vitória da Taça da Liga por parte do Setúbal frente ao Sporting e ainda especulou-se sobre o futuro treinador do Benfica. No dia 7 e Abril os temas debatidos pelos convidados foram sobre a conquista do campeonato por parte do FC Porto e as críticas do Benfica à arbitragem no jogo que opôs os encarnados frente ao Boavista.

Neste programa que tem como mote o futebol e todos os seus enredos, os convidados são pessoas conhecidas do público, sendo mesmo um deles político: Fernando Seara, Presidente da Câmara Municipal de Sintra e militante do PSD ainda que ali esteja na condição de adepto do Benfica. Apesar de ser analisado o futebol nacional, também fazem parte deste formato o futebol internacional quando envolve figuras portuguesas.

**Sendo a análise das jornadas da Liga Portuguesa de Futebol o tema central, durante o nosso estudo, deram especial atenção aos “três grandes” clubes (SLB, SCP, FCP), preterindo os restantes. Continua a haver uma centralização na discussão do intitulado desporto rei, dando apenas voz aos clubes “da frente”. Porque dão mais audiências? Talvez. No entanto, os outros clubes que são deixados de parte também pertencem ao Campeonato Futebol Português e que sem eles não**



**haveria campeonato. Porque não uma aposta numa maior diversidade de temas e de outros clubes?**

### **5.2.2. Quadratura do Círculo**

Quadratura do Círculo é um formato televisivo transmitido às quartas-feiras na SIC Notícias com um painel de comentadores residentes e moderado pelo jornalista Carlos Andrade. Com duração de uma hora, este programa tem como objectivo fazer uma análise da situação política através dos pontos de vista dos convidados.

Desta forma, os três convidados residentes pertencem a grupos partidários diferentes, isto é, Jorge Coelho pertence ao Partido Socialista (PS), Pacheco Pereira do Partido Social Democrata (PSD) e Lobo Xavier do Partido Popular (PP).

Os temas discutidos durante as três semanas variam consoante a actualidade noticiosa. No programa do dia 12 de Março foram analisados temas como a manifestação dos professores e a crise interna vivida no PSD. Já na segunda semana, dia 26 de Março foram debatidos e analisados a violência na escola: o Caso da Aluna do Porto e, a questão do Tibete. No dia 9 de Abril os temas postos “em cima da mesa” foram o acordo ortográfico, questão do divórcio e a saída de Jorge Coelho para a empresa Mota Engil. Este foi o último programa de Jorge Coelho que foi posteriormente substituído pelo socialista António Costa.

**A quarta-feira é entregue aos políticos (alguns). Tendo um leque de convidados residentes, *Quadratura do Círculo* é o formato que traz à “mesa” as opiniões de políticos sobre os temas que estão na ordem do dia, tendo sempre presente as cores e famílias políticas a que pertencem. Esses convidados aproveitam para explicar as suas ideias e criticar/defender a actuação dos Governantes. Apenas é dada voz ao Partido Socialista (PS), Partido Social Democrata (PSD) e ao Partido Popular (PP), ficando de fora dois partidos com representação na Assembleia da República (PCP e BE). Mais uma vez, assiste-se a um “afunilamento” nos convidados e respectivos grupos partidários a que pertencem. Por que não “dar” antena aos restantes partidos com representação no**





parlamento? Se estão na Assembleia da República é porque os portugueses os elegeram e confiaram-lhes o seu voto. De certa forma, gostariam de os ouvir e entender as suas ideias. Porquê o Partido Popular e não o PCP, visto que este último, tem maior assento parlamentar?

### 5.2.3. Dia D

Tendo as segundas e quartas-feiras programas com um painel fixo, os programas dos restantes dias da semana apresentam convidados não residentes.

A terça-feira é preenchida quinzenalmente com os programas *Dia D* e a *Regra do Jogo*, no nosso estudo apenas nos centrámos no programa *Dia D*, uma vez que foi o programa transmitidos nas semanas estudadas.

O *Dia D* é um programa apresentado pela jornalista Ana Lourenço centrado na entrevista a um determinado convidado. O convidado deste formato televisivo depende dos temas em foco durante a semana, uma vez que a condução da entrevista tem como objectivo uma análise mais aprofundada dos temas da actualidade.

Durante o nosso estudo, os entrevistados por Ana Lourenço foram Jerónimo de Sousa, líder do PCP, António Marinho Pinto, Bastonário da Ordem dos Advogados e Mário Lino, Ministro dos Transportes e Obras Públicas. No dia 11 de Março, o entrevistado Jerónimo de Sousa abordou temas actuais como a manifestação dos professores e a proposta de alteração do Código de Trabalho. António Marinho Pinto esteve presente no dia 25 de Março para falar sobre a investigação criminal e o Ministro dos Transportes e Obras públicas, Mário Lino explicou temas como a nova ponte sobre o Tejo, TGV e o Aeroporto de Alcochete.

**O *Dia D* privilegia a entrevista, feita pela jornalista Ana Lourenço, sendo emitido quinzenalmente. Trata-se de um programa que diversifica os entrevistados para que se possa falar de temas em debate na actualidade das várias áreas da sociedade. Durante a nossa investigação, a actualidade noticiosa foi sempre o mote dado para a entrevista, mas tendo sempre presente alguns sectores da nossa sociedade. Este formato permite aos entrevistados fazerem valer os seus ideais e pontos de vistas, tendo em conta aquilo que actualmente mais interessa e preocupa**



o país. Como o próprio nome indica, **Dia D** é um termo utilizado no vocabulário militar usado para indicar um dia importante em que irá acontecer uma grande operação militar ou um grande acontecimento. Neste caso, **Dia D** é o dia importante e decisivo em que o entrevistado em causa, tem oportunidade de responde às perguntas que lhe são feitas e de esclarecer todos os seus pontos de vista.

#### **5.2.4. Negócios da Semana**

O programa *Negócios da Semana* tem lugar às quintas-feiras na SIC Notícias. Um programa de economia apresentado pelo jornalista José Gomes Ferreira com duração de cerca de uma hora. Este formato consiste em entrevistar determinados convidados que, de certa forma, sejam relevantes para economia portuguesa.

Os convidados presentes em estúdio foram Vítor Constâncio, Governador do Banco de Portugal para abordar a investigação do Banco Comercial Português (BCP) e José Penedos, Presidente da REN que explicou quais os projectos que tem para a sua empresa, nomeadamente, as construções de novas linhas eléctricas. Durante a semana 24 a 28 de Março, o *Negócios da Semana* do dia 27 de Março foi substituído por um “Edição Especial” sobre a violência nas escolas.

*Negócios da Semana* é apresentado pelo jornalista José Gomes Ferreira. Aqui são privilegiados os assuntos relevantes para a economia portuguesa, assim como as empresas cuja economia é útil para o país. No nosso estudo, pudemos verificar que os convidados foram quer do sector público como do privado. Sendo a economia uma área estrutural da sociedade, a SIC não lhe tem “dado” antena no canal generalista, com excepção do “Tostões e Milhões” (1993). Desta forma, a economia tem o seu espaço às quintas-feiras na SIC Notícias.

### 5.2.5. Expresso da Meia-Noite

*Expresso da Meia-Noite* é um programa feito em parceria entre o Expresso e a SIC Notícias transmitido às sextas-feiras durante as 23 e as 24 horas. Apresentado pelos jornalistas Ricardo Costa e Nicolau Santos, este é um formato televisivo onde são analisados os temas relevantes ocorridos durante a semana. Contém um leque de convidados que é alterado todas as semanas conforme os temas em debate.

O quadro nº 7 identifica os convidados do Expresso da Meia-Noite.

#### Quadro nº 7 – Convidados do *Expresso da Meia-Noite*

Expresso da Meia-Noite		
Dia	Convidado	Profissão
14-Mar	Ana Sá Lopes	Editora de Política do DN
	Inês Serra Lopes	Directora do Semanário Económico
	Pedro Marques Lopes	Comentador do RCP
	Filipe Santos Costa	Jornalista do Expresso
28-Mar	Miguel Fresquilho	Economista, ex- Secretário de Estado das Finanças
	Rogério Fernandes Ferreira	Fiscalista
	João Vieira Lopes	Presidente da CCSP
	Luciano Amaral	Professor da Univ. Nova de Lisboa
11-Abr	Francisco Louçã	Líder do Bloco de Esquerda (BE)
	Luís Pais Antunes	ex- Secretário de Estado do trabalho
	António Dornelas	ex-Secretário de Estado do Trabalho e Formação
	Nádia Simões	Professora do ISCTE

Podemos verificar que o primeiro leque de convidados é composto por jornalistas/comentadores, que comentaram a manifestação dos professores e a crise interna vivida pelo PSD, maior partido da oposição. No dia 28 de Março os convidados foram pessoas entendidas/especialistas no tema debatido: descida do IVA, descida do número do défice e a crise nos mercados europeus. Já no dia 11 de Abril, estiveram presentes dois ex – secretários de Estado do Trabalho e também o líder do BE, uma vez que o tema em análise eram as alterações do Código de Trabalho, tendo o Bloco de Esquerda se apresentado contra essas alterações, pois segundo o seu líder, “procura facilitar “a precariedade e os despedimentos.

***Expresso da Meia-Noite* é o formato televisivo que vai para o ar todas as sextas-feiras onde se discutem os temas importantes da semana. Os convidados**



diferem dependendo dos tópicos em debate, recorrendo por vezes as especialistas, quando os temas são relacionados com campos específicos da sociedade. Há uma certa semelhança com o Edição da Noite em que se faz o balanço do dia, só que o Expresso da Meia-Noite resume a semana e tem um maior tempo de preparação que o Edição da Noite não dispõe. Para além disso, no final do programa antecipa a primeira página do semanário Expresso, dando em primeira-mão as notícias aos telespectadores da SIC Notícias. Esta é uma forma útil de juntar duas empresas (SIC Notícias e o jornal Expresso) pertencentes ao mesmo grupo: *Impresa*, com vista a promover as audiências do canal temático e do jornal semanário.

## 6. SIC Notícias: um palco dominado pelos políticos

Ao longo do nosso trabalho de investigação, tivemos em conta os dois conceitos primordiais: a política e a televisão, neste caso, a SIC. Deparámo-nos com o poder que ambos exercem um sobre o outro e, ao mesmo tempo, na sociedade contemporânea.

A política é uma actividade humana relacionada ao exercício do poder e a principal função da política é a produção e distribuição dos bens colectivos necessários ao desenvolvimento de uma sociedade, para o que é preciso tomar uma série de decisões em tempo limitado, com escassez de dados e recursos, num meio extremamente complexo que as novas condições sociais parecem emaranhar ainda mais. Como afirma (Innerarity, 2002), o êxito de muitos políticos provém de que eles não oferecem mais do que aquilo que se espera de um dirigente democrático numa sociedade democrática: que se preocupe com a sociedade no seu conjunto, que tenha sensibilidade para captar o que as pessoas querem e que aceite essa vontade como orientação básica das suas acções. A forma mais rápida de chegar às pessoas é através dos meios de comunicação social, em particular, a televisão.

O poder de influência do jornalismo e dos media aumenta com a crise dos poderes republicanos, ao mesmo tempo que contribui para agravá-la. Importa ressaltar que o poder do jornalismo e dos jornalistas constitui uma pequena parcela do poder político. Age-se de tal forma em função dos media que essa subordinação, por si própria, representa uma manifestação de poder (Mesquita, 2003:19).



Existe uma relação de cooperação entre os jornalistas e os políticos. Sendo os políticos os maiores criadores de eventos, os jornalistas ajudam-nos a divulgá-los e ampliá-los, dando-lhes notoriedade e poder. Como foi referido anteriormente, os jornalistas procuram constantemente novas “estórias” e os líderes políticos são a sua fonte principal. Para saberem o que eles pensam e fazem, cultivam relações com os políticos. Por seu turno, os políticos necessitam dos media para fazerem chegar ao público as suas mensagens. Por isso, cultivam igualmente relações com os jornalistas: promovem briefings, garantem-lhes acesso a locais e a eventos oficiais e, por vezes, fornecem-lhes espaço de trabalho.

E embora os jornalistas e os políticos sejam aliados, existem entre eles motivos de conflito. Como profissionais, os jornalistas pretendem tomar as suas próprias decisões e receiam ser manipulados por parte dos políticos ou dos seus assessores. Por seu turno, os políticos receiam que os jornalistas deturpem as suas mensagens ou as voltem contra eles. Apesar disso, a relação entre jornalistas e políticos rege-se mais pela relação de simbiose (relação com mútua vantagem para ambos).

A televisão é o palco preferido dos actores políticos, através da qual “desfilam” as suas opiniões e apresentam os seus ideais e projectos. Através da televisão, quase sem darmos conta, são-nos canalizadas opiniões. Embora os meios de comunicação social não nos dizem o que devemos pensar, dizem-nos em que é que devemos pensar.

Os políticos candidatos a cargos de grande chefia apostam forte na imagem. A televisão torna-se importante para a política e para os políticos em particular. Ter a imagem certa, a postura correcta é decisivo para captar o interesse e a confiança do possível eleitorado. Estar presente na televisão e agir de acordo com os códigos televisivos são passos importantes para a popularidade dos políticos. Para além da política e dos políticos tornarem-se numa fonte constante de notícias para os meios de comunicação social, em particular, a televisão, também atraem os telespectadores, rentabilizando as audiências.

Com quinze anos de história, a SIC iniciou as suas emissões apostando forte num jornalismo irreverente e afastado das fontes oficiais. A grelha da estação de Carnaxide apresentou-se com vários formatos de informação semanal, dando prioridade a debates e entrevistas, que construía alinhamentos que condicionavam



frequentemente a actualidade. Mantendo uma postura pró-activa, optou por dar visibilidade às vozes críticas que atingiam o poder dominante.

Embora fossem razões inerentes à rentabilização económica aquelas que (também) orientavam as opções feitas na programação informativa, a SIC, nos seus primeiros anos de emissão, ao tornar a informação semanal um dos eixos do horário nobre, obrigou a RTP e a TVI a prestarem alguma atenção a este tipo de oferta (Lopes, 2007:249).

Apesar de, ao longo dos anos, a informação semanal ter sido desvalorizada da sua grelha de programação, a SIC privilegiou os políticos nos seus programas de informação semanal, mas integrou-os em formatos com uma estrutura dual que fomentavam emissões polémicas desenvolvidas através da troca de opiniões diferentes sobre determinado assunto.

Tendo como pergunta de partida: “*Qual a presença da política na SIC, durante a semana, particularmente, no período das 21 às 24 horas, no canal cabo de Notícias?*”, a nossa investigação centrou-se no estudo da grelha da programação da SIC Notícias, assim como na análise dos conteúdos dos formatos emitidos e dos convidados presentes.

Depois de um longo caminho percorrido, há perguntas que se impõem e outras para as quais se encontram repostas. Mas a pergunta-chave da nossa investigação orientou-nos o caminho para a identificação e caracterização dos convidados. Quem são os interlocutores que invadem o espaço televisivo? Os mais bem treinados na arte de colocar o poder em cena, os mais capazes para representar uma dramaturgia democrática, os mais habituados a conciliar um discurso persuasivo com as exigências mediáticas: políticos, jornalistas/comentadores e académicos/professores. Foram estes os convidados mais presentes em estúdio nos programas do horário nobre da SIC Notícias. Portanto, tem a palavra no palco televisivo quem é capaz de adaptar o seu discurso aos códigos televisivos, quem é conhecido da opinião pública e tem visibilidade suficiente para prender a audiência. Para que são chamados? Para comentarem a actualidade noticiosa, exporem as suas ideias e para poderem explicar determinados temas específicos da sociedade. A diversidade existente entre os convidados é pequena. Ainda que alguns formatos como *Edição da Noite* opte por um largo leque de convidados de várias áreas estruturais da sociedade, o *Jornal da Nove* incide num conjunto de convidados políticos que se repetem ao longo do mês. Podemos



referirmo-nos a alguma diversidade entre os convidados, políticos, académicos, jornalistas, mas não há variedade. Não há espaço para o cidadão comum. Existem determinados grupos políticos favorecidos? Tornar-se-á perigoso responder à questão. No entanto, há partidos que ficam de fora de alguns debates e há programas como *Quadratura do Circulo* que ouvem determinados grupos partidários. Há formatos televisivos, como *Jornal das Nove* em que existem partidos mais vezes representados do que outros, tendo em conta, a sua representatividade na Assembleia da República. Essa presença assídua na televisão por parte de determinadas famílias políticas leva a um maior “tempo de antena” de alguns políticos. Quanto ao género, apesar de ter havido uma evolução na presença das mulheres no espaço televisivo, ainda existem números díspares relativamente aos homens, mas assiste-se lentamente a um possível equilíbrio. O período nocturno tem diferentes programas conforme as franjas horárias, dando especial atenção aos resumos da actualidade. Mais do que noticiar e mostrar, a SIC Notícias, através dos seus programas e convidados, tenta explicar, dizer o que não foi dito nem pensado no pequeno horário destinado às notícias no canal generalista

A política está presente na SIC Notícias. Podemos concluir que existem na grelha da SIC Notícias programas virados para a política, onde os convidados são maioritariamente políticos, porque os temas são políticos e defendem os seus interesses políticos. Verificámos que, durante a semana, para além do *Jornal das Nove* com a rubrica “Frente-a-Frente” que se centra muitos políticos, também podemos referir que *Quadratura do Círculo* dá voz a determinados políticos, que *Dia D* entrevista alguns políticos e que, no *Expresso da Meia-Noite*, alguns convidados, consoante o tema, podem ser políticos. Portanto, podemos afirmar que a política está presente na SIC Notícias, está do que qualquer outro sector da nossa sociedade e que, se, por vezes, não estão políticos, estão entendidos/especialistas a comentarem e analisarem determinados temas específicos ou até mesmo temas políticos. A política é uma actividade muito presente na nossa sociedade e na actualidade noticiosa. Talvez pela não inclusão de tanta informação semanal no canal generalista, a SIC tenha encontrado na SIC Notícias o espaço ideal para o debate e confronto de ideias que não encontra na grelha da SIC, mas que no canal do cabo tem cada vez mais lugar e audiência. Convém realçar que o canal cabo tem um funcionamento distinto, com uma audiência diferente e com um acesso desigual por parte de várias regiões do país relativamente ao canal que opera em



sinal aberto. Desta forma, só tem acesso a esta informação quem tiver disponibilidade financeira para poder ter televisão por cabo e assistir a uma maior variedade informativa.





## 7. CONCLUSÃO GERAL

É notório o poder que tanto o campo da comunicação social como o campo da política exercem um sobre o outro e, ao mesmo tempo, na sociedade. Enquanto que a actividade política se assume como um poder, a comunicação social é vista como contra-poder.

A televisão apresenta-se como o meio de comunicação social preferido da política e dos políticos, na medida em que abre caminho para o reconhecimento e notoriedade imediatas, conferindo popularidade a quem nela aparece. Ainda que actualmente no canal generalista SIC, a política não esteja tão presente como aquando do início das suas emissões, a estação de Carnaxide abriu uma porta para o debate e troca de ideias com a chegada do canal do cabo: SIC Notícias. É na SIC Notícias, um canal dedicado à informação, que a política está presente diariamente com o *Jornal das Nove*. Um formato que se apresenta como um verdadeiro “chamariz” da política, onde estão presentes dois convidados de grupos partidários diferentes que debatem os temas em questão na actualidade. Ao longo da semana, também fazem parte da grelha da SIC Notícias, programas como *Dia D*, *Quadratura do Círculo* e *Expresso da Meia-Noite*, sendo estes formatos televisivos em que a política está muitas vezes presente. *Quadratura do Circulo* é um programa dedicado à política com um painel fixo de três comentadores políticos de três grupos partidários diferentes. Por que motivo se dá a voz a determinadas figuras políticas e famílias políticas? Qual o critério de selecção de convidados? Para além dos políticos, os interlocutores que invadem o espaço televisivo são os mais capazes na arte de representar e os mais habituados a conciliar um discurso persuasivo: jornalistas/comentadores e académicos/professores. É no programa *Edição da Noite* que se privilegia o comentário alargado sobre os acontecimentos da actualidade noticiosa, dando a palavra aos jornalistas e académicos.

A política faz parte da grelha de programação da SIC Notícias. Deste modo, a SIC preenche a lacuna existente na sua programação relativamente à informação semanal e, consequentemente, à mediatização da actividade política. É importante realçar que, embora sendo um canal por cabo, não acessível a todos os portugueses, a SIC Notícias tem vindo a ganhar audiência.



## 8. BIBLIOGRAFIA

- [1] Barthes, Roland (1980). *A Câmara Clara*. Lisboa: Edições 70.
- [2] Boorstin, Daniel(1961). *The Image: A Guide to Pseudo-Events in America*. New York: First Vintage Books Edition.
- [3] Champagne, Patrick (1990). *Faire l'opinion. Le nouveau jeu politique*. Paris: Minuit.
- [4] Condry, John; Popper, Karl (1995). *Televisão: um Perigo para a Democracia*. Lisboa:Gradiva.
- [5] Cotteret, Jean-Marie (1991). *Gouverner c'est Paraître*. Paris: Quadrige.
- [6] Fidalgo, Joaquim (1 de Julho de 2001). *Jogos e Manipulações*. Coluna do Provedor, Público. Acedido em 20 de Abril de 2008 em: <http://static.publico.clix.pt/nos/provedor/textos-fidalgo/prov20010701.html>
- [7] Innerarity, Daniel (2005). *A transformação da Política*. Lisboa: Editorial.
- [8] Lecomte, Patrick (1993). *Communication, Télévision et Démocratié*. Lyon: Presses Universitaires de Lyon.
- [9] Lopes, Felisbela (2007). *A TV das Elites – Estudos dos programas de informação semanal dos canais generalistas (1993-2005)*. Porto: Campo das Letras, Editores, S.A.
- [10] McCombs, Maxwell; Shaw, Donald; Weaver, David (1997). *Communication and Democracy: Exploring the intellectual Frontiers in Agenda Setting Research*. Mahwah NJ: Lawrence Erlbaum Associates.
- [11] Mesquita, Mário (2003). *O Quarto Equívoco – O Poder dos Media na sociedade contemporânea*. Coimbra: Minerva Coimbra.
- [12] Missika, Jean-Louis; Wolton, Dominique (1983). *La Folle du Logis*. Paris:Gallimard.
- [13] Murray, Edelman (1988). *Constructing The Political Spectacle*. Chicago: The University of Chicago Press.
- [14] Patterson, Thomas (1997). *Political Communication*. New York: First Vintage Books Edition.



- [15] Régis Debray (1993). *L'Etat séducteur, Les Révolutions médiologiques du pouvoir*. Paris: Gallimard.
- [16] Serrano, Estrela (1999). *Jornalismo e Elites do Poder*. Acedido em 20 de Abril de 2008, no Web site da: Universidade da Beira Interior: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/serrano-estrela-jornalismo-elites-poder.pdf>
- [17] Tuchman, Gaye (1978). *Marking News: A Study in the Construction of Reality*. New York: Free pass.
- [18] Velásquez, Teresa (1992). *Los Políticos y la televisión – Apontaciones de la teoría del discurso al diálogo televisivo*. Barcelona: Editorisl Ariel, S.A.

## 9. ANEXOS

**Anexo 1** - Lista dos convidados do *Jornal das Nove* e de *Edição da Noite* durante o período estudado

# JANEIRO

### DIA 2

**Jornal das 9** – Ana Drago, Teresa Caeiro  
**Edição da Noite** – Nuno Rogeiro, Agostinho Miranda

### DIA 3

**Jornal das 9** – Pedro Silva Pereira, Vítor Ramalho, Pedro Ferraz da Costa  
**Edição da Noite** – Luís Costa Ribas

### DIA 4

**Jornal das 9** – Mário Assis Ferreira, Pedro Passos Coelho, Odete Santos  
**Edição da Noite** – Elisabete Jacinto, Nuno Rogeiro

### DIA 7

**Jornal das 9** – José Berardo, Luís Fazenda, Nuno Melo

### DIA 8

**Jornal das 9** – Ana da Silva, Joana Amaral Dias, Ângelo Correia  
**Edição da Noite** – Mário Bettencourt Resendes, Carlos Rosado Carvalho

### DIA 9

**Jornal das 9** – João Soares, Telmo Correia  
**Edição da Noite** – Teresa de Sousa, Anabela Neves, Luís Costa Ribas

### DIA 10

**Jornal das 9** – Miguel Beleza, Octávio Teixeira, Guilherme Silva  
**Edição da Noite** – João Soares, Henrique Neto, Fernando Ferreira Santo, Francisco Van Zeller

### DIA 11

**Jornal das 9** – Rui Moreira, Eduardo Barroso, Maria José Nogueira Pinto  
**Edição da Noite** – Pedro Nunes

**DIA 14**

**Jornal das 9** – Mira Amaral

**DIA 15**

**Jornal das 9** – João Cantiga Esteves, Vicente Jorge Silva, Narana Coissoró  
**Edição da Noite** – Nicolau Santos, Octávio Teixeira, Diogo Cunha, Pedro Santana  
Lopes

**DIA 16**

**Jornal das 9** – Bagão Félix, Helena Lopes da Costa, Helena Roseta  
**Edição da Noite** – Fontão de Carvalho, Luís Delgado, Mário Bettencourt Resendes

**DIA 17**

**Jornal das 9** – Pedro Nunes, Ruben de Carvalho, Nuno Melo  
**Edição da Noite** – José Adelino Maltez, Rui Oliveira e Costa, Rui Tavares

**DIA 18**

**Jornal das 9** – Nuno Fernandes, Maria de Belém Roseira, Miguel Relvas

**Edição da Noite** – Carlos Rosado Carvalho

**DIA 21**

**Jornal das 9** – Manuel Alegre, Vítor Ramalho, Pedro Passos Coelho  
**Edição da Noite** – André Macedo

**DIA 22**

**Jornal das 9** – Correia de Campos, Odete Santos, Ângelo Correia  
**Edição da Noite** – Luís Delgado, Rui Tavares

**DIA 23**

**Jornal das 9** – João César das Neves, Teresa Caeiro, Luís Fazenda  
**Edição da Noite** – João Goulão, Eduardo Dâmaso

**DIA 24**

**Jornal das 9** – General Carlos Martins Branco, Joana Amaral Dias, Pedro Ferraz da Costa

**Edição da Noite** – Miguel Monjardino

**DIA 25**

**Jornal das 9** – Diogo Leite Campos, Paula Teixeira da Cruz, Ana Drago

**Edição da Noite** – Ricardo Rodrigues, José Eduardo Martins, Leonor Coutinho

**DIA 28**

**Jornal das 9** – Medina Carreira, Helena Roseta, Telmo Correia

**DIA 29**

**Jornal das 9** – António Arnault, Maria José Nogueira Pinto, Octávio Teixeira

**Edição da Noite** – Rui Tavares, Luís Delgado, Lúcia Sigalho, Vera Matero, Manuel Pinho

**DIA 30**

**Jornal das 9** – Miguel Albuquerque, Narana Coissoró, João Soares

**Edição da Noite** - Marina Costa Lobo, Luís Costa Ribas

**DIA 31**

**Jornal das 9** – Paulo Teixeira Pinto, Eduardo Barroso, Miguel Relvas

**Edição da Noite** – Carlos Rosado Carvalho, Domingos Patacho, Diogo Mateus

## **FEVEREIRO**

**DIA 1**

**Jornal das 9** – Vicente Jorge Silva, Helena Lopes da Costa

**Edição da Noite** – Rui Oliveira e Costa, D. Duarte Pio

**DIA 4**

**Jornal das 9** – José Sá Fernandes, Teresa Caeiro, Ruben de Carvalho

**Edição da Noite** – General Garcia Leandro

## **DIA 5**

**Jornal das 9** – José Medeiros Ferreira, Saldanha Sanches, Guilherme Silva  
**Edição da Noite** – Martim Cabral, Nuno Rogeiro

## **DIA 6**

**Edição da Noite** – Rui Santos, Miguel Monjardino

## **DIA 7**

**Jornal das 9** – João Cravinho, Paula Teixeira da Cruz, Vítor Ramalho  
**Edição da Noite** – Inês Serra Lopes, André Macedo, Henrique Monteiro

## **DIA 8**

**Jornal das 9** – Laurentino Gomes, João Soares, Ângelo Correia  
**Edição da Noite** – Rui Tavares, Carlos Rosado Carvalho, Francisco George

## **DIA 11**

**Jornal das 9** – Adriano Moreira, Luís Fazenda, Narana Coissoró  
**Edição da Noite** – Pedro Bacelar Vasconcelos

## **DIA 12**

**Jornal das 9** – Ramalho Eanes  
**Edição da Noite** – Manuel Carvalho da Silva

## **DIA 13**

**Jornal das 9** – Dalila Rodrigues, Joana Amaral Dias, Pedro Passos Coelho

**Edição da Noite** – Jorge Baptista

## **DIA 14**

**Jornal das 9** – Jorge Neto, Helena Roseta, Maria José Nogueira Pinto  
**Edição da Noite** – David Borges

## **DIA 15**

**Jornal das 9** – Miguel Relvas, Ana Drago  
**Edição da Noite** – Luís Delgado, Rui Tavares

**DIA 18**

**Edição da Noite** – Francisco Sarsfield Cabral , Mário Bettencourt Resendes, Luís Delgado, António Costa Pinto

**DIA 19**

**Jornal das 9** – André Freire, Vicente Jorge Silva, Nuno Melo  
**Edição da Noite** – Nuno Rogeiro, João Rosado

**DIA 20**

**Jornal das 9** – Marques Guedes, Octávio Teixeira, Helena Lopes da Costa  
**Edição da Noite** – Diogo Leite Campos

**DIA 21**

**Jornal das 9** – Felícia Cabrita, Ruben de Carvalho, Telmo Correia  
**Edição da Noite** – Jorge Baptista, Pedro Caldeira Rodrigues

**DIA 22**

**Edição da Noite** – Eduardo Dâmaso, David Borges, Manuel Villaverde Cabral

**DIA 25**

**Jornal das 9** – Luís Cunha Ribeiro, Saldanha Sanches, Pedro Ferraz da Costa

**DIA 26**

**Jornal das 9** – Manuel Violas, João Soares, Pedro Passos Coelho

**DIA 27**

**Jornal das 9** – Maria José Nogueira Pinto, Luís Fazenda  
**Edição da Noite** – Nuno Morais Sarmiento, Ribeiro Cristóvão

**DIA 28**

**Jornal das 9** – José Pedro Aguiar Branco, Helena Roseta, Ângelo Correia  
**Edição da Noite** – Luís Nazaré, Pedro Moreira



## **DIA 29**

**Jornal das 9** – Nuno Morais Sarmento, Teresa Caeiro, Vítor Ramalho  
**Edição da Noite** – Rui Oliveira e Costa

# **MARÇO**

## **Dia 10**

**Jornal das 9** – Pedro Silva Pereira, Ângelo Correia, Maria de Belém

## **Dia 11**

**Jornal das 9** – António Capucho; Ruben de Carvalho, Pedro Ferraz da Costa

**Edição da Noite** – José Ribau Esteves

## **Dia 12**

**Jornal das 9** – Gabriela Gomes – **Investigadora da Gulbenkian**; Teresa Caeiro –  
**deputada do PP**; Vicente Jorge Silva - **jornalista (PS)**

**Edição da Noite** – Rui Santos – **comentador SIC**

## **Dia 13**

**Jornal das 9** – Nuno Crato, Saldanha Sanches, Telmo Correia

**Edição da noite** – Ribeiro Cristóvão, Luís Delgado, Mário Bettencourt Resendes

## **Dia 14**

**Jornal das 9** – Adriano Moreira, Helena Roseta, Maria José Nogueira Pinto

**Edição da noite** – Luís Ferreira Lopes, Mário Resendes, Luís Delgado

## **Dia 24**

**Jornal das 9** - Carlos Neto, Paulo Rangel, Joana Amaral Dias

## **Dia 25**

**Jornal das 9** – João Cantigas Esteves; Alfredo Barroso, Guilherme Silva

**Edição da noite** - João Ramos; Pedro Frasão, Luísa Fernandes

## **Dia 26**

**Jornal das 9** – Daniel Sampaio, Pedro Ferraz da Costa, Maria de Belém  
**Edição da noite** – Jorge Baptista, Diogo Leite Campos, Vítor Bento

**Dia 27**

**Jornal das 9** – Fernando Rosas; Narana Coissoró  
**Edição da noite** – Nuno Rogeiro; João Alvarenga

**Dia 28**

**Jornal das 9** – Mário Nogueira; Vicente Jorge Silva; Telmo Correia  
**Edição da noite** – Luís Delgado; Carlos Rosado Carvalho

## **ABRIL**

**Dia 7**

**Jornal das 9** – José Manuel Viegas; Luís Fazenda; Maria José Nogueira Pinto

**Dia 8**

**Jornal das 9** – Pedro Nunes; Teresa Caeiro; João Soares  
**Edição da noite** – Jorge Bacelar Gouveia

**Dia 9**

**Jornal das 9** – Ângelo Correia; Fernando Rosas  
**Edição da Noite** – Carlos Rosado Carvalho; Jorge Santos

**Dia 10**

**Jornal das 9** – Pedro Burmster; Odete Santos; Telmo Correia  
**Edição da Noite** – António Cluny; Jorge Baptista

**Dia 11**

**Edição da noite** – Fernando Nobre, Carmen Lima

